



O CONSERVADORISMO E AS QUESTÕES SOCIAIS

PLANO
cde PESQUISA
INOVAÇÃO
IMPACTO

Fundação
Tide
Setubal





APRESENTAÇÃO

Com foco na justiça social e no desenvolvimento das periferias, contribuindo para a redução das desigualdades nas grandes cidades, a Fundação Tide Setubal atua há 13 anos na busca de uma sociedade mais justa e igualitária. A escuta, o diálogo e a construção conjunta são princípios de atuação para alcançá-la.

O Conservadorismo e as Questões Sociais, pesquisa realizada em parceria com o Plano CDE, se conecta a esses princípios e amplia as possibilidades de compreensão de diferentes olhares para a multidimensionalidade de temas que influenciam o enfrentamento das desigualdades.

Para nós, conhecer pensamentos, valores e posições das pessoas que estão hoje no espectro do conservadorismo é uma forma de olhar para o contexto atual e escutar de maneira cuidadosa algumas de suas vozes, buscando compreender posições e escolhas de quem também faz parte do nosso território de atuação e pode apoiar a transformação.

Nenhuma mudança se dará de forma isolada. Esperamos, portanto, que este seja um material de inspiração capaz de provocar a criação de pontes e pontos para encontros pela igualdade.

Fundação Tide Setubal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO P. 6

1 PESQUISA QUALITATIVA P. 10

- 1.1 Objetivos P. 12
- 1.2 Seleção da Amostra P. 12
- 1.3 Método de Pesquisa P. 13
- 1.4 Perfil dos Entrevistados P. 14

2 VALORES P. 18

- 2.1 Família P. 20
- 2.2 Segurança e Criminalidade P. 29
- 2.3 Política Nacional e Eleições P. 36
- 2.4 Comunicação e Uso da Internet P. 45

3 DESIGUALDADES P. 50

- 3.1 Desigualdade Social P. 52
- 3.2 Relações Raciais P. 58
- 3.3 Desigualdades de Gênero P. 65
- 3.4 Preconceito contra LGBT P. 83

4 CONCLUSÕES P. 95

- 4.1 Pensamento Abstrato vs. Pensamento Concreto P. 98
- 4.2 Público Vs. Privado P. 100
- 4.3 Lógica da Igualdade Vs. Lógica da Diferença P. 102
- 4.4 Estrutura vs. Indivíduo P. 105
- 4.5 Lacração vs. Vitimismo P. 106

5 COMO UTILIZAR ESTE ESTUDO P. 108

6 EQUIPE P. 112



INTRODUÇÃO

A ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República, bem como a formação de uma nova direita nos últimos dez anos, despertou a curiosidade acerca da emergência de tendências conservadoras na sociedade brasileira. A literatura acadêmica¹ e as pesquisas de mercado recentes² já apontavam que mais da metade da população possui posicionamentos conservadores em relação a diversos temas, como aborto, homossexualidade, diminuição da maioria penal, direitos humanos, entre outros. No entanto, tais posicionamentos não são fixos e tendem a acompanhar, em alguma medida, mudanças importantes em dinâmicas sociais específicas no que se refere à legalização de certas práticas sociais, como a união homoafetiva e as cotas raciais³, e/ou uma menor ou maior percepção de insegurança e impunidade.

TENDO EM VISTA tais flutuações de opinião pública, há dez anos o Ibope criou um índice de conservadorismo baseado em cinco pautas polêmicas: legalização do aborto; casamento entre pessoas do mesmo sexo; pena de morte; prisão perpétua; e redução da maioria penal, e aplicou o mesmo questionário sobre tais temas em 2010 e em 2016. Os mais conservadores seriam contra os dois primeiros itens e a favor dos demais, e os mais liberais, o oposto. Com base nesse entendimento, foi elaborada uma escala que varia de 0, liberal, a 1, conservadorismo máximo, e, em 2016, os brasileiros foram divididos em três faixas de

¹ Ver em Pierucci, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. Editora 34, 1999; Paiva, Vera; Aranha, Francisco. "Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005". *Revista de Saúde Pública* 42 (2008): 54-64; Prandi, Reginaldo; Santos, Renan William. "Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica". *Tempo Social* 29.2 (2017): 187-213.

² Ver em <https://glo.bo/2cCmkLk>; <https://bit.ly/2EBNRfZ>

³ Ver em <https://bit.ly/30KgW26>



conservadorismo: 54% da população se encaixaria na faixa dos conservadores máximos/radicais (0,7 a 1); 41% seriam conservadores médios (0,4 a 0,6); e apenas 5% pontuaram com baixo índice de conservadorismo (0,3 a 0).

Entre 2010 e 2016, o índice de conservadorismo do brasileiro subiu de 0,657 para 0,686, e foram as questões ligadas à segurança as responsáveis por tal crescimento. Em seis anos, o apoio à pena de morte subiu de 31% para 49%; o apoio à redução da maioria penal, de 63% para 78%; e o apoio à prisão perpétua para crimes hediondos, de 66% para 78%. De acordo com Marcia Cavallari, CEO do Ibope Inteligência, tais índices não refletem apenas uma preocupação com o aumento das taxas de violência no país, mas também um desejo de acabar com a impunidade, tendo em vista os recentes escândalos políticos.

No entanto, o conservadorismo relacionado aos costumes não cresceu. A porcentagem de brasileiros contrários à legalização do aborto permaneceu inalterada, 78%, mas a taxa de favoráveis subiu de 10% para 17%, provocando uma queda entre aqueles que se declaram neutros sobre o assunto. Além disso, houve um aumento significativo da aceitação do casamento entre pessoas do mesmo sexo, de 25% para 42%, e a rejeição a tal prática caiu de 54% para 44%. Desse modo, o principal *drive* do conservadorismo atualmente seria o medo da violência, e os segmentos mais conservadores da sociedade seriam, em ordem decrescente: os evangélicos, com um índice de 0,717 e com tendência de crescimento; os homens, 0,706 e com tendência de crescimento; e os menos escolarizados, 0,701. Entre os menos conservadores estão aqueles que não são católicos nem evangélicos, 0,649; e aqueles que cursaram ensino superior, 0,650, sendo que este é um dos poucos setores em que o conservadorismo diminuiu nos últimos anos, contrariando a tendência geral observada no país¹.

Esse crescimento do conservadorismo no país é percebido também em um

¹ Dados disponíveis em <https://bit.ly/2WPMswr>

estudo do Datafolha publicado no início de 2018. Usando uma metodologia similar à que explicaremos adiante, o Datafolha classificou o nível de “bolsonarismo” do eleitor brasileiro com base na concordância com 13 teses defendidas pelo presidente recém-empossado. Aqueles que concordam com mais do que nove das teses são apenas 14% da população brasileira. Do lado oposto, que concordam com até quatro, estão 31% dos brasileiros. Nesse meio do caminho, ficam os outros 55% da população – que concordam com entre cinco e oito das teses definidas como pautas conservadoras. É esse o público que o atual estudo pretende entender de forma aprofundada².

A despeito de o índice de conservadorismo ter crescido no país e de tal crescimento ter se refletido nas últimas eleições e na aprovação dos três primeiros meses do mandato de Jair Bolsonaro – homens e evangélicos dão maior apoio ao governo em comparação aos outros segmentos³ –, isso não significa que pessoas conservadoras sejam indiferentes ao sofrimento social experimentado por grupos subalternos, como mulheres, LGBTQs e negros. Inclusive, a aceitação da união homoafetiva aumentou com o passar do tempo, e, em 2013, a concordância em relação a cotas raciais era de 64%, sendo que entre aqueles que ganham até um salário mínimo e residem no Nordeste tal índice subiu para 71% e 74%, respectivamente.

² Dados disponíveis em <https://bit.ly/2SX2Shq>

³ Dados disponíveis em <https://bit.ly/2v2zxxm>



1 PESQUISA QUALITATIVA

A maior parte dos estudos de opinião pública realizados atualmente no Brasil é surveys, isto é, pesquisas quantitativas baseadas em questionários fechados em que os entrevistados podem apenas responder às perguntas de forma positiva ou negativa e/ou concordar ou discordar de frases elaboradas previamente. Tal formato permite que o questionário possa ser aplicado a um maior número de pessoas em pouco tempo, no entanto, acaba implicando necessariamente perdas significativas no que diz respeito a uma compreensão mais profunda dos valores, opiniões e sentimentos das pessoas entrevistadas, as quais costumam apresentar muitas nuances, incoerências, contradições e complexidades

PARA ALCANÇAR um entendimento menos superficial sobre a percepção das pessoas a respeito de determinados temas, é necessário utilizar outro tipo de abordagem: a pesquisa qualitativa. Esta pode se utilizar de um ou mais métodos, como grupos focais, entrevistas em profundidade e etnografias e é realizada a partir do estabelecimento de laços de confiança e empatia entre os entrevistadores e os sujeitos, e, por esse motivo, normalmente é realizada com um número menor de pessoas e leva mais tempo para ser produzida.

A grande vantagem da pesquisa qualitativa quanto à análise dos dados é que ela facilita raciocínios de tipo indutivo. Em análises indutivas, as premissas que orientam a elaboração da pesquisa proporcionam apenas uma fundamentação parcial das conclusões, em contraposição a raciocínios dedutivos, em que as premissas fornecem um fundamento definitivo das conclusões. Assim, como a intenção que orientou a presente pesquisa é a de formular formatos de comunicação que possam sensibilizar conservadores não radicais de “classe média” nos temas das desigualdades sociais, raciais e de gênero/LGBT, concluiu-se que a melhor opção seria realizar uma pesquisa qualitativa com essa população, com base nos objetivos formulados a seguir.



1.1

OBJETIVOS

Os objetivos principais da pesquisa foram:

1.

compreender de modo aprofundado os principais valores, anseios e preocupações dessa população relacionados a temas gerais, como renda/poder aquisitivo, violência, política/corrupção;

2.

levantar os discursos, percepções e conceitos construídos a respeito de temas específicos: desigualdade social, de raça e gênero/LGBT, além do papel das ONGs na sociedade;

3.

entender o perfil desse público e quais são as lógicas que subsidiam a perspectiva conservadora.

1.2

SELEÇÃO DA AMOSTRA

Para representar o brasileiro médio não radical de “classe média”, foram selecionadas 120 pessoas residentes das cidades de São Paulo (36 pessoas), Rio de Janeiro (36 pessoas), Porto Alegre (24 pessoas) e Recife (24 pessoas), entre 18 e 45 anos, com renda per capita de, no mínimo, 469 reais e, no máximo, 1.499 reais (correspondente à faixa do intervalo intermediário de renda no país – excluindo os 25% mais ricos e os 25% mais pobres), que não possuem vínculos

com nenhuma organização política. Dentro desse perfil procuramos selecionar pessoas que não fossem radicais politicamente, de modo que foram aplicados dois filtros: um de opinião e outro eleitoral. O filtro de opinião, baseado em parte no estudo do Datafolha citado acima, definiu o recrutamento de quem concordasse com, no mínimo, três frases e, no máximo, oito de um total de 11 frases de teor conservador como: “Direitos humanos não deveriam valer para bandidos”; “A homossexualidade deveria ser desencorajada por toda a sociedade”; “Adolescentes que cometem crimes devem ser punidos como adultos”; “O Bolsa Família faz com que os pobres tenham mais filhos”; “Quando um casal tem filhos, é preferível que a mulher fique em casa enquanto o homem trabalha”; “Cotas para negros em universidades são uma forma de discriminação”. Quanto ao filtro eleitoral, para evitar excluir a média do eleitorado, foram aceitos eleitores de todos os candidatos, exceto aqueles que votaram em Fernando Haddad (PT) nos dois turnos das eleições de 2018.

Estes dois filtros – renda e opinião política – tiveram o objetivo de definir nossa amostra como o centro político e o centro econômico da população. Isso é, excluindo as pontas da estratificação social brasileira e os polos do debate político contemporâneo.

1.3

MÉTODO DE PESQUISA

As pessoas selecionadas previamente foram entrevistadas por diferentes pesquisadores, quatro mulheres e um homem, com a intenção de evitar que apenas mulheres entrevistassem grupos masculinos. As entrevistas foram conduzidas na casa dos participantes, que foram reunidos em grupos masculinos ou femininos de três pessoas (tríades) que se conheciam previamente (amigos, vizinhos, conhecidos), com o intuito de provocar um debate acerca dos temas tratados.



As entrevistas foram gravadas em áudio, tiveram duração total de três horas e foram realizadas com base em um questionário semiestruturado sobre: condições de vida; relações cotidianas dentro e fora da família; valores; perspectivas para o futuro; formas de comunicação; percepções sobre política e economia; e opiniões sobre violência, direitos humanos, desigualdade social, desigualdade racial, questão de gênero/LGBT e atuação de ONGs.

O objetivo das entrevistas foi deixar os entrevistados confortáveis o suficiente para falar o mais espontaneamente possível sobre os temas a serem abordados, de modo que o roteiro servia apenas como base de apoio ao pesquisador para indicar os tópicos a serem abordados. Era esperado que os entrevistados pudessem conversar e debater entre si e, inclusive, mudar de opinião ou tentar convencer os outros durante a entrevista.

1.4

PERFIL DOS ENTREVISTADOS

A despeito de todos os entrevistados poderem ser considerados como parte do estrato mediano da sociedade em termos de renda, existia uma diversidade importante em termos socioeconômicos, considerando que tal estrato é bastante amplo, desde pessoas que ganham 469 reais per capita até quem recebe 1.499 reais per capita. Assim, há pessoas que moram em casas grandes, bem decoradas, com mobília de boa qualidade, pessoas que vivem em bairros residenciais afastados do centro e com ruas asfaltadas, mas também pessoas que moram em habitações precárias em favelas/comunidades sem acesso, ou com acesso precário, a serviços como luz, água, esgoto, coleta de lixo e transporte, e que participam, ou participavam há pouco tempo, do Programa Bolsa Família. Inclusive, além do Bolsa Família, alguns entrevistados também relataram participar ou ter participado do Programa Universidade para Todos (Prouni) e do Programa

de Financiamento Estudantil (Fies).

Entre as ocupações citadas pelos entrevistados estão: ajudante de pedreiro, ajudante de cozinha, professor/a de escola pública, vendedor/a em shopping center, dona de casa, caixa de supermercado, estudante universitário/a, operador/a de telemarketing, técnico/a no setor de serviços, motorista (táxi ou Uber), segurança, manicure, cabeleireira, empregada doméstica, camelô, feirante, além de pessoas que vivem de bicos diversos e/ou estão desempregadas. Inclusive, não foi incomum encontrar pessoas que ficaram desempregadas por conta da crise econômica e do desaquecimento dos setores de serviços e da construção civil e que passaram a viver de bicos.

No que diz respeito à religião, existem pessoas evangélicas que frequentam denominações diversas com maior ou menor assiduidade, umbandistas e católicos, porém não foi identificada nenhuma pessoa atea ou agnóstica. Aparece também uma diversidade em relação à cor, e várias tríades foram formados por pessoas negras e brancas, sendo que as primeiras costumavam se autoidentificar como tais durante as entrevistas. Em relação aos arranjos familiares, há poucas pessoas que moram sozinhas, é mais comum o arranjo tradicional: marido, mulher e filhos. Existem também mulheres separadas/divorciadas que moram com os filhos e mais um ou dois parentes, mas a maioria das pessoas não compartilha o mesmo domicílio com mais de quatro pessoas.



2 VALORES

Os valores mais importantes para as pessoas entrevistadas estão organizados em torno de um eixo central: **ordem**. Há uma percepção compartilhada de que faltaria ordem dentro das famílias, das escolas, no espaço público e na política, e isso estaria relacionado com: a existência de uma decadência moral generalizada; o aumento da criminalidade; a violência; e a corrupção e a impunidade na política nacional. Para os entrevistados, a falta de estrutura dentro das famílias e de disciplina dentro das escolas faz com que as crianças e jovens, na ausência de referências morais sólidas, “mandem” em pais e professores, sejam isolados e pouco afetuosos, bebam e pratiquem sexo mais precocemente.

TAL DECADÊNCIA MORAL também estaria ligada ao aumento da violência e da criminalidade, tendo em vista que os criminosos seriam essencialmente pessoas que possuem mau caráter. Desse modo, a despeito de reconhecerem a existência de injustiças nas instituições de combate ao crime relacionadas a racismo, preconceito e desigualdade social, a maior parte dos entrevistados considera que uma punição mais severa para os infratores é a melhor solução para combater a criminalidade.

Para além do crime, os entrevistados também associam a decadência moral aos partidos, lideranças e militantes de esquerda – especialmente quando pensam em corrupção política e na defesa de costumes considerados imorais. Ainda que termos como “esquerda” e “direita” não sejam exatamente claros para a maior parte dos entrevistados, estes costumam atribuir a uma difusa ideia de “esquerda” lideranças do PT e do PSOL e ideias de caos, conflito, defesa de pautas identitárias, arrogância e doutrinação. À direita atribuem as noções de ordem, hierarquia, respeito pela opinião do próximo, igualdade, valorização da família e defesa do esforço individual/libre mercado.

Os entrevistados compreendem que a esquerda faz uma defesa ostensiva e



arrogante de pautas identitárias em detrimento de valores como igualdade e respeito pelo próximo, o que causa sensações de desconforto, revolta e desconfiança. Assim, para além da desconfiança em relação à classe política como um todo, existe um receio de estar sendo doutrinado e/ou enganado por professores dentro das escolas e por veículos de comunicação tradicionais, especialmente os que, segundo a percepção dos entrevistados, teriam se posicionado contra Jair Bolsonaro durante as eleições de 2018, mais notadamente a Rede Globo. Desse modo, a internet é percebida como uma forma alternativa de se informar, em que seria possível contornar “doutrinações”, porém, ao mesmo tempo, apontaram a existência de riscos relacionados às “fake news” e à possibilidade de crianças e jovens acessarem conteúdos impróprios sem o conhecimento da família.

2.1 FAMÍLIA

Tendo em vista a percepção de decadência moral generalizada, **existe um desejo de que a família volte a ocupar um papel central na educação** sexual e moral das crianças e jovens em detrimento das escolas. A maioria dos participantes mostrou acreditar que as famílias estão menos unidas e tem menos convivência, interação e troca de afeto. A ideia de que falta união, convivência, diálogo e tempo para se dedicar aos familiares foi muito recorrente, principalmente entre as mulheres. Acredita-se que, no passado, a interação familiar seria mais intensa, afetuosa e mais harmônica, de modo que foram feitas referências nostálgicas aos grandes almoços de domingo em que todos os familiares conviviam com prazer de estar juntos, eventos que, atualmente, seriam cada vez mais raros.

A falta de convivência familiar teria efeitos negativos na estrutura social, na medida em que prejudicaria a educação das crianças e dos jovens. Não haveria uma consolidação entre as gerações mais novas de valores considerados fun-

damentais à sociedade, como: autoridade, disciplina, respeito e honestidade, todos supostamente ensinados primeiramente na esfera doméstica. Por isso, os entrevistados disseram acreditar que **é necessário recuperar a convivência familiar para restabelecer a ordem da sociedade**. A falta de disciplina também foi bastante destacada, as crianças e jovens de hoje, nas palavras dos entrevistados, fazem o que querem, mandam nos adultos, não respeitam a autoridade dos pais, das pessoas mais velhas e dos professores, em suma: “não tem limites”.

As mudanças na vida familiar teriam sido causadas, em grande medida, pela necessidade de as mulheres entrarem no mercado de trabalho. Com as mães fora de casa por mais tempo, as famílias teriam perdido a figura responsável pelo cultivo da união e pela transmissão de valores. As tecnologias da comunicação também foram apontadas como um fato importante nessa mudança, pois, como as pessoas passariam mais tempo em interações virtuais, a convivência física e a construção de vínculos de afeto teriam se enfraquecido:



“A mulher foi para a rua trabalhar e as mulheres não têm mais tempo para a família. Por causa de muito trabalho dos pais e, principalmente, das mulheres e dessa busca de consumismo, a família ficou desestruturada. Os filhos têm pouca orientação familiar, falta vínculo familiar, isso gera muitos ruídos na comunicação dentro da família.”

(MULHER, 38 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA FICOU DESEMPREGADA)



“Antigamente, o homem era homem, a mulher não tinha que trabalhar, ir pra fora, porque o homem era obrigado a bancar tudo. Se eu tivesse dinheiro à beça, eu não ia querer que minha namorada saísse pra trabalhar e deixasse a filha dela com a minha sogra, eu ia querer que ela cuidasse, porque a menina é pequena e precisa da mãe. Mas ela falou que, infelizmente, tem que trabalhar, ela chega do trabalho e a filha tá dormindo, ela não tá acompanhando o crescimento da criança.”

(HOMEM, 43, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“Hoje em dia, é muita correria na vida das famílias e acaba tendo muito distanciamento e desunião entre as pessoas, menos convívio entre as pessoas da família.”

(MULHER, 42 ANOS, PARDA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Falta tempo para a família, né, porque as mulheres saem para trabalhar e, querendo ou não, elas que unem a família.”

(MULHER, 27 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Os valores da família estão perdidos, as pessoas perderam o elo familiar. Falta conversa, contato.”

(MULHER, 27 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Antes, todo mundo jantava junto, tinha aqueles almoços de domingo com toda a família junto. Hoje a gente não vê mais isso, falta, né, é importante. Hoje é só no WhatsApp.”

(MULHER, 42 ANOS, PARDA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“A estrutura familiar caiu drasticamente. Pessoas despreparadas colocam filhos no mundo e as crianças crescem revoltadas. (...) O mundo precisa de pessoas boas, de mães que cuidem direito dos filhos.”

(HOMEM, 36 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“O que a gente vê hoje é uma decadência da vida familiar.”

(HOMEM, 27 ANOS, NÃO EVANGÉLICO, PARDO, SÃO PAULO)

Também a educação das crianças é considerada pior em comparação com o passado. Isso teria ocorrido, principalmente, porque as mães ficam pouco tempo em casa e os filhos ficariam sem a orientação e o acompanhamento necessário. Além disso, a qualidade das escolas teria piorado, o ensino seria mais fraco e os professores, menos qualificados e exigentes. Ou seja, **tanto a escola quanto a família estariam falhando na missão de educar as novas gerações.** Foram frequentes as percepções de que, hoje em dia, são as crianças e os jovens que possuem autoridade dentro da família e na escola, em vez dos pais e dos professores. Dada a sensação de perda da hierarquia e de descontrole, a solução mais eficaz seria voltar a ter “rigidez” e “pulso firme” com crianças e jovens tanto no âmbito familiar quanto no escolar:



“A educação das crianças ficou à mercê das escolas e falta disciplina porque isso se aprende na família.”

(MULHER, 38 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Se levar para a escola, eles não vão absorver nada. Porque, hoje, na escola, a professora falou para ela: você vem para a escola para eu te passar matéria, as dúvidas você tira no Google. Na escola, não ia funcionar porque não tem valor. Nós temos o princípio da palavra do nosso Senhor. O filho e a filha que seguem os princípios bíblicos conseguem sobressair. Na escola, fora da sua presença, ele vai aprender outras coisas. É onde ele se perde.”

(HOMEM, 43 ANOS, EVANGÉLICO, NEGRO, SÃO PAULO)

“Antes, as crianças eram mais saudáveis; tinha mais respeito, disciplina, agora tem uma crise moral. As pessoas inventam valores. Por exemplo, na minha época, um professor homossexual não podia dar aula, agora pode.”

(MULHER, 41 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

“Hoje em dia, os pais não têm rédea curta com as crianças, falta autoridade, rigidez. Eu sou a favor de criar os filhos como meus pais me ensinaram, que era uma educação muito rígida. Rigidez e caráter.”

(MULHER, 30 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Hoje, os filhos não respeitam mais os pais. Eu sou da época antiga. Tem que obedecer, senão eu bato em filho.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

“A educação mudou para pior. Antes, era mais rígida. Não pode nem falar mais alto que a criança já diz que vai chamar o Conselho Tutelar.”

(HOMEM, 45 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

“Minha avó olhava pra mim e pronto. Já tremia. A menina deu uma tapa na cara do pai e o pai ficou rindo (...). É a geração fruta podre.”

(MULHER, 22 ANOS, PARDA, NÃO EVANGÉLICA, RECIFE)

“Essa é uma geração fraca no lado psicológico, emocional. Os jovens estão deprimidos, se sentem coitados.”

(HOMEM, 24 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, RECIFE)



“Essa é uma geração mimimi que com tudo se ofende.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, NÃO EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

Existem também entrevistados, especialmente evangélicos, que são a favor de que as escolas ofereçam ensino religioso para que as novas gerações tenham uma base moral mais “sólida”, e ainda há quem seja favorável ao ensino militar para que possam aprender a respeitar o país e adquiram noções de autoridade, hierarquia ou disciplina:



“Sim, eu acho que as crianças deveriam aprender religião na escola, aprender valores para não ter essa confusão de valores que temos hoje em dia.”

(MULHER, 23 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

“Educação militar acho corretíssimo. Cantar o Hino todo dia, a bandeira. Aí as crianças aprenderiam a ter responsabilidade, respeito.”

(HOMEM, 27 ANOS NEGRO, PORTO ALEGRE)

Na discussão sobre educação sexual nas escolas, a questão da “ideologia de gênero” apareceu de forma residual, mas, quando surgiu, foi entre mulheres evangélicas. Algumas delas têm a percepção de que “valores invertidos” no que diz respeito a papéis de gênero e temas relacionados à sexualidade estariam sendo ensinados para as crianças não apenas nas escolas, mas também na televisão e na internet:



“Menina é menina e menino é menino. Tem diferença. Não pode confundir a cabeça das crianças. (...) Estão ensinando nas escolas que a menina pode se vestir de menino, que menina pode brincar de carrinho. Confunde as crianças. Não pode criar as meninas para ficarem com raiva dos meninos e vice-versa.”

(MULHER, 43 ANOS, NEGRA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

Em relação aos jovens, mais especificamente, existe uma percepção de que não só seu comportamento é pior atualmente em comparação com gerações passadas, mas também se afirma que ser jovem atualmente é pior. A vida do jovem teria piorado, pois eles precisam lidar com um mundo mais perigoso e violento, tanto nas ruas como na internet. Isso dificultaria ainda mais o desenvolvimento da percepção sobre “o que é certo e errado” e também a capacidade de criar interações presenciais e vínculos de afeto, de modo que seria mais fácil de os jovens de hoje “se perderem” nas drogas e no crime.



Além disso, os jovens de hoje, com o acesso facilitado à internet, não saberiam mais interagir, expressar afeto e carinho, começariam a beber e fazer sexo mais cedo e adquiririam “certas liberdades” antes do tempo considerado adequado:



“Eu moro numa comunidade, meu filho não sai pra nada, é computador o dia todo. Às vezes, eu passo mensagem, é um S (de sim) que ele responde, um N (de não); outro dia, ele mandou um H e perguntei o que era, ele respondeu: ‘é de aham’.”

(HOMEM, 35, PARDO, CATÓLICO, RIO DE JANEIRO)

“Os jovens de hoje não são amorosos, só querem saber de tecnologia, se distanciaram muito dos pais.”

(MULHER, 42 ANOS, PARDA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Hoje em dia, a juventude é só internet, internet, internet. Ninguém conversa mais ao vivo.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Os jovens não têm base familiar sólida. Estão jogados nas redes sociais.”

(HOMEM, 40 ANOS, PARDO, NÃO EVANGÉLICO, RECIFE)

“Os jovens de hoje têm muita liberdade e, para mim, liberdade em excesso é libertinagem.”

(MULHER, 38 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Os jovens começam a beber muito cedo. Você vê nos barzinhos os adolescentes bebendo mais que os adultos.”

(MULHER, 38 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

2.2

SEGURANÇA E CRIMINALIDADE

A sensação de decadência e falta de ordem experimentada dentro das famílias também se estende ao espaço público, considerando que quase todos os entrevistados sentem medo de sair à rua por conta da violência. Nesse contexto, a relação com os vizinhos e o espaço da igreja, especialmente para os evangélicos, são bastante valorizados, principalmente considerando que a maioria das pessoas entrevistadas relatou que seu cotidiano costuma ser extremamente corrido devido a longos deslocamentos de casa para o trabalho, ao elevado número de horas trabalhadas e ao acúmulo de tarefas, como trabalhar, estudar, cuidar da casa e/ou dos filhos – tarefas que sobrecarregam mulheres de forma desigual. Quando sobra algum tempo para o lazer, além de frequentarem cultos e fazerem atividades com os vizinhos, como almoços e churrascos, muitas pessoas acabam preferindo ficar em casa e também deixar os filhos dentro de casa, por conta da **sensação permanente de insegurança e da percepção de que situações de violência podem ocorrer em qualquer local e horário:**



“Eu não deixo meus filhos saírem sozinhos. A gente vai no shopping junto e até para ir no shopping fico com medo. Aqui do lado, mataram um o outro dia. Não dá para sair mais à noite.”

(MULHER, 39 ANOS, BRANCA, PORTO ALEGRE)

“Eu já fui trabalhar, cheguei em casa e minha casa tinha sido invadida, duas vezes. Uma vez eu estava deitada dentro do quarto, eu sai e o cara estava na minha sala, e eu moro praticamente atrás da delegacia. Então, pra mim, a gente não tem mais privacidade dentro de casa, não é só na rua, por isso eu não tenho mais tanto medo de sair sozinha na rua, porque me sinto indefesa em qualquer lugar.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)

A maioria das pessoas entrevistadas disse que se sentiria mais segura se houvesse mais policiamento nas ruas e se as penas para os criminosos fossem mais duras. A defesa de punições mais duras e de redução da maioridade penal foi muito frequente e surgia espontaneamente nas conversas. Há uma percepção generalizada, especialmente nos grupos masculinos, de que existem pessoas “boas” e “ruins” e de que praticar um crime ou não é

sempre uma escolha de pessoas que já são ruins por natureza. Daí a percepção de a impunidade causar tanta revolta entre as pessoas, afinal, a percepção de que, de um lado, existiria o trabalhador honesto com valores familiares e, do outro, o bandido mau caráter foi recorrente:



“Mas, pô, eles são menores... Não importa. A gente conhece casos de pessoas que saíram pra roubar e pra matar e não levaram nada, não sabiam nem dirigir. Ah, eles não sabiam, eram inocentes? Não! Infelizmente, eles têm que pagar, 30, 20 anos. Tem que ser, porque senão não aprende. Imagina se for na sua família? Você vai querer que ele morra, o sentimento é esse, a revolta é essa, você quer que ele pague.”

(HOMEM, 25, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“Eu acho que não tem essa de idade, tem crianças de 10 anos que são mais maldosas que gente que tem 20.”

(HOMEM, 18, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“Cidadão de bem é aquela divisão. É quem trabalha, não pratica crime, tem família. O outro lado é o bandido.”

(MULHER, 30 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)



Foi comum entre os entrevistados que moram em regiões mais empobrecidas o relato de episódios de corrupção policial, e os negros chamaram a atenção para casos cotidianos de racismo por parte da polícia e, portanto, não confiam que aumentar o policiamento seria necessariamente uma boa solução para a crise da segurança pública. Nesse sentido, uma ideia compartilhada por alguns entrevistados foi que mais oportunidades de educação e trabalho para os jovens que moram nas periferias poderiam contribuir para a diminuição da criminalidade:



“Aumentar a polícia... acho que não resolve. Os caras são corruptos, a gente vê isso aqui todo dia. Teria que dar mais educação para os adolescentes. Ensinar a trabalhar. Não sei, ser padeiro, ter atividades de lazer nas vilas...”

(HOMEM, 36 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

As mulheres, contudo, tendem a ter visões mais nuançadas em relação à oposição “trabalhador vs. bandido” em comparação com os homens, sobretudo as entrevistadas mais jovens, moradoras de bairros mais periféricos e que vivem em condições socioeconômicas piores, considerando os demais participantes. As mulheres chamaram a atenção para visões preconceituosas que igualam favelados a bandidos e a distância que existe entre a realidade das favelas e de outros bairros da cidade, o que favoreceria a falta de empatia entre as pessoas.

Além de relatarem episódios de abusos, injustiças e corrupções praticadas por policiais nos bairros onde moram e terem medo de que seus filhos sejam vitimados pelo crime e/ou pela polícia, elas também citaram casos de pessoas próximas que foram detidas e/ou presas injustamente, inclusive afirmaram possuir amigos, conhecidos e familiares que já passaram pelo sistema prisional, e por isso tendem a se mostrar mais solidárias:



“A pessoa de bairro rico fala de bandido como uma coisa distante. Para a gente, bandido é o nosso primo, conhecido, o menino que estudou com a gente. Então, é mais complicado.”

(MULHER, 27 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu já cansei de ouvir: ‘Mora na favela é traficante, é isso, é aquilo’. Mas não é. Das mil pessoas que moram na comunidade são trabalhadores, são estudantes, e muita gente que hoje é advogado, juiz, saiu de dentro de uma comunidade. Então, infelizmente, existe esse preconceito.”

(MULHER, 38, NEGRA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)



“O Dória disse que, se a pessoa errou [cometeu um crime], deveria ir direto para o cemitério. Eu não concordo. Todo mundo merece uma segunda chance, ser tratado com dignidade.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

O repúdio ao termo “direitos humanos” foi quase unânime, mesmo que para a maior parte dos entrevistados não exista uma oposição à ideia de dignidade humana. Há um entendimento específico sobre o significado do termo “direitos humanos”, não necessariamente às suas pautas. As pessoas associam imediatamente a ideia de direitos humanos à defesa de criminosos/presidiários e acreditam que **a luta pelos direitos humanos estaria equivocada, na medida em que representaria uma inversão de valores: foco em quem comete crime e não em quem sofre com ele; defesa de quem não cumpre a lei e desprezo por quem cumpre a lei.** A maioria das pessoas sente-se prejudicada ou abandonada pela pauta de direitos humanos:



“Fez merda, foi preso, não tem direitos humanos, quem tem direitos humanos é a gente que trabalha, nossos filhos...”

(HOMEM, 35 ANOS, PARDO, CATÓLICO, RIO DE JANEIRO)

“Direitos humanos só defendem quem não precisa, quem matou, estuprou. (...) Se não existissem direitos humanos, não me fariam falta. Direitos humanos nunca me ajudaram em nada, nunca ajudaram minha família em nada.”

(HOMEM, 36 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“Os direitos humanos estão defendendo causas com que a sociedade não concorda, está defendendo os bandidos. É uma inversão de valores. Como se diz, está defendendo não os direitos dos humanos, mas o ‘direito dos manos’.”

(MULHER, 30 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Esse negócio de direitos humanos está muito deturpado hoje em dia. Não é mais para quem precisa.”

(MULHER, 45 ANOS, BRANCA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Os direitos humanos só defendem quem não presta.”

(HOMEM, 30 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

Ainda que exista uma percepção geral de que as prisões brasileiras estão em péssimas condições, para vários entrevistados, principalmente homens, os



presos “mereceriam” tal tratamento. Contudo, apesar de defender um tratamento desumano para os detentos, a maior parte dos entrevistados se posicionou contra a liberação do porte de armas com o argumento de que os brasileiros não estariam preparados psicologicamente para isso e que apenas geraria mais violência:



“Eu concordo com a frase de Bolsonaro que cadeia não é colônia de férias. A cadeia é desumana, sim, mas não vai virar um spa. Os presos merecem.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, NÃO EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

“Eu sou contra ter arma. O brasileiro não tem psicológico para isso.”

(MULHER, 41 ANOS, CATÓLICA, PORTO ALEGRE)

2.3 POLÍTICA NACIONAL E ELEIÇÕES

Se a solução para a falta de ordem dentro das famílias é ter mais “pulso firme” e “rigidez” e para os criminosos e presidiários, penas mais severas e “tratamento desumano”, no que toca a política nacional, a maioria dos entrevistados se disse tão descrente que não enxerga possíveis soluções, dado que o sistema político em si seria completamente corrompido. Tendo em vista o **sentimento generalizado de desconfiança e decepção em relação à classe política como um todo**, foi

muito comum afirmarem que seu voto nas eleições de 2018 foi para o candidato menos pior e que “não botavam a mão no fogo” por nenhum político. Poucos defenderam o atual governo com afinco, independentemente do sufrágio em 2018. Inclusive, os entrevistados que votaram em Lula e no Partido dos Trabalhadores, sendo que alguns o fizeram por muito tempo, afirmaram que os escândalos de corrupção ligados ao partido fizeram com que se sentissem enganados:



“Eu não tenho esperança. Eu sinto que, se eu não batalhar, independentemente de qualquer político, qualquer governo, eu não posso simplesmente votar no cara, achar que ele vai fazer e que minha vida vai virar mil maravilhas. Sou um brasileiro sem fé, não acredito que nenhum deles vá fazer nada pela gente e, na primeira oportunidade que eles tiverem, vão ver o lado deles, comprar um triplex, desviar dinheiro. Se você for ver negócio de ficha limpa, aí tá complicado.”

(HOMEM, 45 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“Eu voto no PT desde que eu me conheço como eleitor. Eu dei o braço a torcer e me senti enganado. O PT realmente vacilou muito, eles prometeram



uma coisa e entregaram outra. Me senti ludibriado, mas, da mesma forma, também acho que o Bolsonaro não é nenhum herói.”

(HOMEM, 38 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“Eu não tenho muita esperança na política do Brasil. (...) Tenho esperança nas pessoas, nas crianças, em Deus. O homem não consegue controlar seus passos.”

(HOMEM, 22 ANOS, BRANCO, NÃO EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“Política é aquela coisa: você acredita, mas não confia.”

(HOMEM, 30 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“Política é engano e corrupção. Você nunca acredita 100% num candidato.”

(HOMEM, 36 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

Vários entrevistados afirmaram que, durante os governos petistas, havia mais trabalho e o país estava melhor economicamente, mas, ao mesmo tempo, alguns destacaram que o crescimento que o país experimentou naquele período não foi graças ao PT, e sim a uma conjuntura nacional e internacional favorável:



“O Brasil estava melhor, sim. O PT até fez algumas coisas boas, mas foi porque o momento do Brasil e do mundo era bom e aí vieram a corrupção e a crise.”

(HOMEM, 29 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

Os discursos antissistema e antipartidários foram recorrentes. Muitos pensam que todos os políticos são iguais, independentemente do partido, porque todos adotam práticas corruptas e fisiológicas quando chegam ao poder. Mas é importante destacar que vários entrevistados afirmaram que **a corrupção não é só “coisa de político”, na medida em que teria relação com o “jeitinho” brasileiro e com a ineficácia geral do Estado, e, nesse sentido, a decadência moral valeria igualmente para o brasileiro comum, que também seria corrupto:**



“É tudo igual, PT, PSDB, tudo corrupto. Mas não são eles não, tu vê aqui também o povo fazendo gato, utilizando o Bolsa Família quando não precisa. É o jeitinho brasileiro, não tem jeito. Brasileiro é corrupto mesmo.”

(HOMEM, 21 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)



“O Estado não funciona. Olha as empresas públicas, todas corruptas e não têm competitividade. Tinha que privatizar um monte de coisas e ia funcionar melhor.”

(HOMEM, 27 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

Tendo tal cenário em vista, a maioria dos entrevistados votou, no segundo turno das eleições de 2018, em Jair Bolsonaro sem maior convicção, ainda que afirmasse ter simpatia por certas pautas que o político defendia durante a campanha, no que diz respeito à educação nas escolas, como o caso do “kit gay”. As pessoas que expressaram esperança, otimismo e expectativas positivas para o futuro da política, a despeito da crise representativa-partidária, consideram Bolsonaro um político diferente que poderia mudar o Brasil, de modo que **as palavras “diferente” e “mudança” foram constantes quando elas argumentaram os porquês de seu voto em Bolsonaro:**



“Eu estou esperançosa com essa mudança na política [eleição de Bolsonaro] por causa da retomada da família e do respeito.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Para mim, o Bolsonaro é uma luz no fim do túnel.”

(MULHER, 45 ANOS, BRANCA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Essa eleição foi uma grande mudança. Trouxe esperança de mudança na política. Antes era só mais do mesmo.”

(MULHER, 38 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu votei nele porque ele é diferente e acho que é o único que vai mudar. A gente tem esperança.”

(MULHER, 45 ANOS, NEGRA, PORTO ALEGRE)

Todos os entrevistados afirmaram que as eleições foram muito polarizadas, relataram que houve muitas brigas por causa de política, dentro e fora da internet, com amigos, vizinhos, colegas, conhecidos e familiares:



“Por ter exposto a minha opinião, o meu voto e ser uma minoria ali. Porque estou em uma universidade federal, universidade pública,



onde a maioria ia votar no PT. Então, eu sofri por ter entrado uma turma cantando uma música que eu acredito que era do partido político. (...) e apontaram pra mim e disseram que eu era burra por estar votando neste candidato [Bolsonaro] e disseram: ‘como vai ser o seu futuro profissional?’.”

(MULHER, 29 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, RECIFE)

“(...) estavam passando no noticiário as questões da Lava Jato, da corrupção e tudo o mais. Eu comentei com a vizinha que existia muita sujeira no governo anterior. Aí ela se ofendeu tanto com esse comentário (...) e a resposta que ela deu pra mim foi a seguinte: ‘Pois é bom que Bolsonaro, quando ganhe, mande estuprar todas as evangélicas (...) foi uma ofensa. Como se ela estivesse desejando mal a mim.’”

(MULHER, 29 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, RECIFE)

“Parece que não tem mais país. É todo o mundo brigando, parece jogo, torcida, mas somos todos brasileiros.”

(HOMEM, 29 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

E várias pessoas sentiram que a polarização foi causada também por não se saber ao certo em que notícia ou informação podia-se confiar e que, por esse motivo, preferiam se informar em canais alternativos pela internet:



“Essas foram as eleições da fake news (...) colocaram uma imagem de um grupo extremista islâmico em uma camiseta do filho de Bolsonaro e as pessoas acreditaram nisso. (...) a gente não sabia o que era notícia e o que não era. (...) no Facebook, foi onde mais se compartilhou fake news.”

(HOMEM, 27 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, RECIFE)

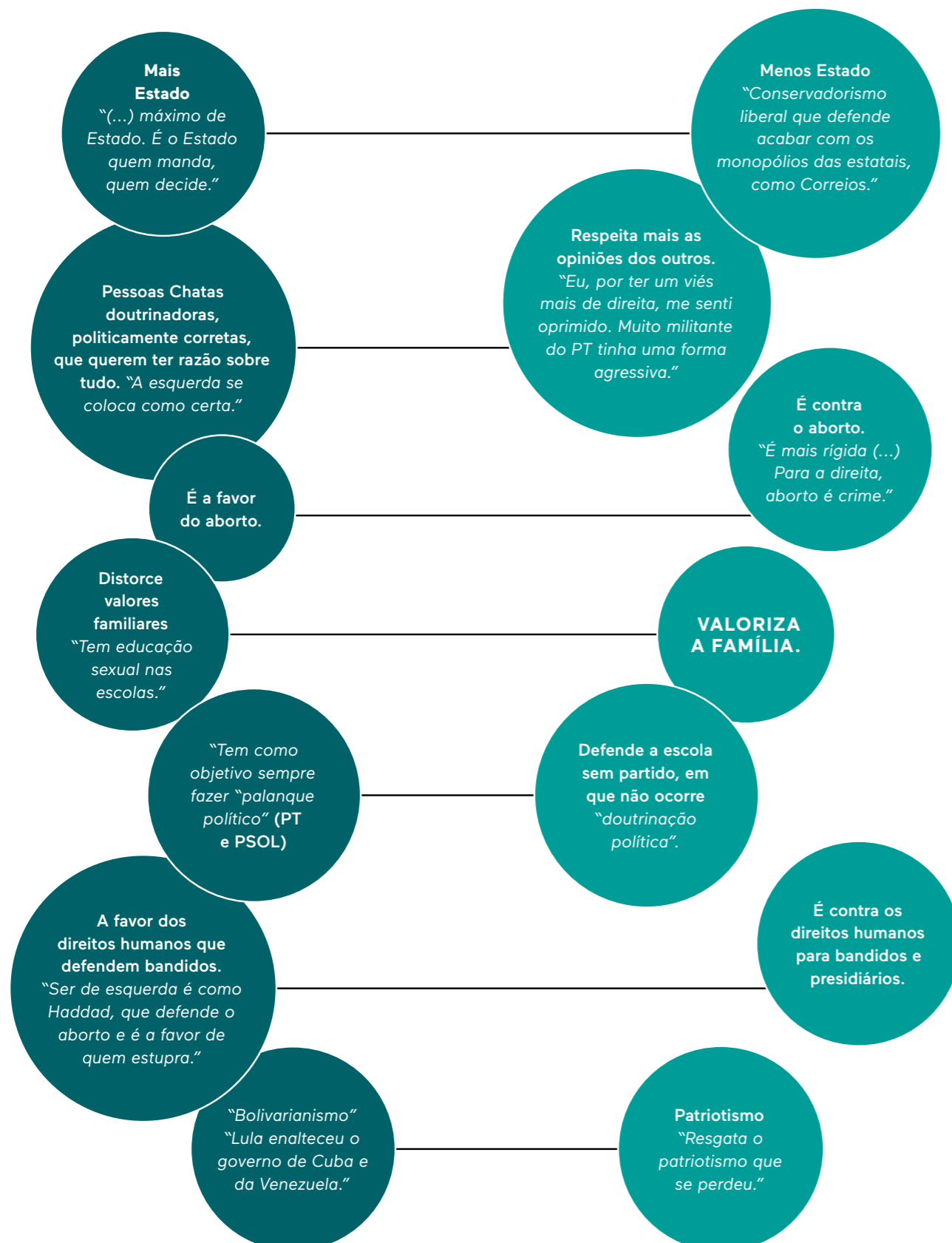
Mas, em meio à intensa polarização eleitoral e à divulgação de informações falsas ou descontextualizadas, um fator importante que permeou as falas de vários entrevistados foram as percepções associadas à esquerda e à direita. Isso aponta para uma politização inédita da população desde a redemocratização, dado que, desde então, existia a dificuldade de reconhecer a existência e atribuir significados a esses dois polos¹. Ainda que a maior parte dos entrevistados não se identificasse como pertencendo à direita, eles foram bastante críticos à esquerda e às pautas que julgavam que a esquerda defende, associando-as diretamente ao PT e ao PSOL:

1 Ver em Singer, André. *Direita e esquerda no eleitorado brasileiro*. São Paulo: EDUSP (2000).



IDEIAS ASSOCIADAS À ESQUERDA E À DIREITA

Esquerda



2.4

2.4 COMUNICAÇÃO E USO DA INTERNET

O sentimento de desconfiança generalizada acerca das instituições políticas, aliado ao clima de polarização intensa das eleições, se estendeu também para os meios de comunicação. Foram registrados muitos relatos **de desconfiança do que é transmitido na televisão, no telejornalismo e na imprensa tradicional de modo geral**. Quando a televisão apareceu como uma fonte de informação, costumava ser para os participantes com mais de 40 anos, e os canais mais citados foram Globo e Record, mas também surgiram algumas críticas a esses canais, especialmente às novelas da Globo, que trariam à tona a homossexualidade e sexualidade precoce de jovens. A Rede Globo também foi bastante criticada por uma suposta manipulação de informações para prejudicar a campanha de Jair Bolsonaro em 2018, bem como seu governo, além disso, a grade da televisão aberta também foi criticada de modo geral, tendo em vista um excesso de violência e sensacionalismo.

Por conta tanto das críticas ao conteúdo da televisão quanto pela falta de tempo para assistir aos programas veiculados, por causa cotidiano corrido, praticamente **todos os entrevistados afirmaram fazer uso intenso da internet para se informar sobre o próprio bairro e questões mais gerais**, como economia, política e demais pautas cotidianas. Todos os participantes das tríades têm acesso a *wi-fi* em casa e/ou possuem internet 4G em seus celulares, e a maioria afirmou receber notícias por WhatsApp, Instagram e Facebook. As **notícias costumam chegar até eles pelo feed de aplicativos ou por grupos, comunidades e perfis das redes sociais, assim, há um esforço ativo em buscar notícias apenas quando estão interessados em algum assunto muito específico ou querem checar supostas fake news**. Quando buscam ativamente por alguma notícia, disseram procurar se informar em sites ou páginas ligadas ao bairro gerenciadas



por moradores e/ou em grandes portais de notícias, como G1, R7 e Band News. Porém, tentam manter distância de notícias veiculadas na televisão, pois esta apresentaria apenas crimes, tragédias e casos de corrupção, além de manipular as informações transmitidas:



“Não gosto muito de ficar vendo reportagem, notícia, jornal, porque não gosto de ficar vendo nada de crime. Não gosto desse negócio de jornalismo. Eu, espiritualmente, prefiro não ver essas coisas, absorver essas energias. Mas eu vejo muito internet, fico dia inteiro na internet, WhatsApp, Youtube, Face... Ali eu recebo orações e vídeos de louvor. Isso, sim, me acrescenta.”

(MULHER, 30 ANOS, NEGRA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Não acredito em noticiários, principalmente o da Globo.”

(HOMEM, 38 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, RECIFE)

“Toda emissora tem seus interesses.”

(HOMEM, 27 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, RECIFE)

“A TV e os jornais manipulam demais, muito. Mentem. Eu acho que a internet tem mais liberdade.”

(HOMEM, 27 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

Nesse contexto, particularmente entre evangélicos, existe a percepção de que a Rede Globo se posiciona contra os valores cristãos, e aqueles que assistem a televisão afirmaram ter preferência pelas novelas e jornais da Record em detrimento da Globo, uma vez que a emissora carioca transmitiria conteúdos contrários aos preceitos cristãos:



“Sim, sim, há muito preconceito contra a gente. Pensam que a gente é burra porque usa saia longa, porque vai na igreja. Você olha as novelas da Globo, são contra os valores cristãos, contra a família, parece que ser gay é normal. É uma batalha de Deus contra o diabo. A gente votou no Bolsonaro porque ele



“é um homem de Deus que vai estar do lado da gente, o PT ia acabar com a família.”

(MULHER 26 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

Porém, ainda que a internet apareça nas falas dos entrevistados como uma forma de contornar a desconfiança na mídia tradicional, ou mesmo o sentimento de estar sendo enganado ou doutrinado, também existe uma preocupação no que tange a um excesso de informações e mesmo na possibilidade de acesso irrestrito a conteúdos impróprios, principalmente considerando seu uso por pessoas mais jovens:



“As redes sociais de hoje são ruins para os jovens porque eles têm acesso total a tudo e excesso de informação é preocupante.”

(MULHER, 38 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)



3 DESIGUALDADES

Todos os entrevistados reconheceram a existência de uma desigualdade econômica estrutural no país e entendem que esse é seu maior problema. Já a percepção das desigualdades de raça e gênero/LGBT é mais nuançada. Ainda que todos reconheçam que exista muito preconceito e violência com negros, mulheres e LGBTs, e que sejam abundantes os relatos de casos sofridos pelos próprios entrevistados ou por familiares e conhecidos, o entendimento é o de que tais episódios não estariam relacionados a questões estruturais, mas principalmente à falta de educação e respeito de certos indivíduos. Há uma compreensão geral de que os militantes ligados a tais pautas, especialmente as feministas, seriam agressivos, desrespeitosos e arrogantes, e que tais grupos não deveriam demandar maior representatividade social por meio de políticas afirmativas, pois estas seriam uma forma de diferenciá-los das demais pessoas. **Toda política que transmite a ideia de diferença é vista com maus olhos, afinal, disseram repetidas vezes: “todos somos iguais”.**

A MAIORIA DOS ENTREVISTADOS afirmou que situações de preconceito poderiam ser superadas com autoestima e perseverança, em detrimento de políticas afirmativas. Inclusive, argumentaram que muitos outros grupos para os quais ninguém chamaria muita atenção sofreriam preconceitos: favelados, pessoas obesas, pessoas idosas, pessoas com deficiência, pessoas em situação de rua, evangélicos, nordestinos, imigrantes, dependentes químicos etc., e que, portanto, a existência de políticas que beneficiassem certos grupos em detrimento de outros seria necessariamente injusta. Tal sentimento de injustiça se estendeu por vezes a programas de transferência de renda focalizada, como Bolsa Família, pois pessoas



que não seriam merecedoras do auxílio o recebiam em detrimento de pessoas que de fato precisam de apoio material ou, então, que não se enquadrariam nos critérios do programa, mas que também seriam pobres.

Tendo isso em vista, **a educação sobre valores e respeito pelo próximo apareceu como a grande solução para os casos de preconceito e violência** e para que grupos subalternos possam melhorar de vida e ganhar maior representatividade na sociedade. Esforço individual e famílias estruturadas que transmitissem bons valores para as próximas gerações seriam as principais formas de superar as desigualdades, e não políticas focalizadas e afirmativas, que poderiam incentivar preguiça entre os mais pobres e sentimentos de injustiça entre grupos que não são considerados minorias. O papel do Estado, nesse sentido, seria o de proporcionar oportunidades de educação e trabalho para todos, de modo que aqueles que se esforçassem pudessem ser beneficiados.

3.1

DESIGUALDADE SOCIAL

Todos os entrevistados afirmaram que o Brasil é um país muito desigual, e que essa desigualdade entre ricos e pobres não só é visível economicamente como afeta as diferenças de oportunidades, a educação, o acesso à saúde e, inclusive, os sistemas de segurança pública e de justiça, que poupariam os mais ricos e puniriam os mais pobres. O poder público foi analisado como um fator de desigualdade: em vez de diminuir a desigualdade entre ricos e pobres, os políticos investiriam mais em transporte, equipamentos públicos, segurança etc. nas regiões mais abastadas da cidade, descuidando das mais carentes. Há desigualdade territorial no acesso a serviços públicos, mas também diferença na qualidade dos serviços ofertados em diferentes regiões da cidade, e tal desigualdade foi ressaltada pelos entrevistados, os quais a consideram um tipo de injustiça. Além disso, temas como privilégios de políticos e corrupção

aumentam a desconfiança em relação a como o poder público age para reduzir – ou aumentar – desigualdades. Desse modo, o preconceito contra os pobres é algo que os entrevistados sentem de forma cotidiana, sobretudo quando frequentam regiões mais ricas da cidade ou precisam procurar trabalho nesses locais:



“Sim, muito, a pessoa te olha mal porque tu vai de chinelo ao centro e pensa que a gente, porque é de vila, é ruim... O pessoal dos apartamentos pensa que é melhor que a gente, e eles têm tudo lá, e a gente aqui? Demora uma hora para chegar no centro num ônibus lotado e a escola, tu já viu? Caindo aos pedaços.”

(MULHER, 39 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

“Eu já cansei de ouvir: ‘Mora na favela, é traficante, é isso, é aquilo’. Mas não é. Das 1000 pessoas que moram na comunidade são trabalhadores, são estudantes, e muita gente que hoje é advogado, juiz, saiu de dentro de uma comunidade. Então, infelizmente, existe esse preconceito: ‘Menina, da onde você é? Da favela? Ih, deve ser mais uma prostituta da vida.’”

(MULHER, 38, NEGRA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)



Várias pessoas entrevistadas estão em situação de desemprego ou com empregos muito precários e instáveis, e a maioria afirmou que encontrar empregos na atualidade é muito complicado, exige-se muita formação, e os salários são baixos, não há reconhecimento do trabalhador. Muitos expressaram sentimentos de humilhação, frustração, descartabilidade e inutilidade por tal situação:



“Eu me sinto muito mal, inútil, humilhada.”

(MULHER, 41 ANOS, BRANCA, CATÓLICA, PORTO ALEGRE)

“Emprego de carteira assinada mesmo tá cada vez mais difícil, tanto que o povo tá optando pelo que agora? Trabalhar por conta própria, porque, se for esperar melhor, não tem mesmo não. Você sai toda vez de madrugada pra arrumar emprego e as portas tão fechadas. Tá difícil mesmo. Hoje você anda na rua e vê as casas todas fazendo lojinha pra trabalhar por conta própria, porque é um meio de sobreviver, senão vai morrer de fome, porque não tem melhora.”

(MULHER, 43 ANOS, NEGRA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)

Considerando que muitos participantes estão desempregados, vivem de bicos ou trabalham muito e recebem pouco, o “empreendedorismo popular”, isto é, “trabalhar por conta própria” e “abrir uma lojinha” acabou aparecendo como uma saída. Para os entrevistados que possuem condições financeiras mais estáveis ou são mais jovens, o empreendedorismo como forma de complementar a renda, e/ou mesmo de trabalhar de forma flexível e sem patrões, é visto com bons olhos, afinal, a renda gerada dependeria principalmente do esforço do indivíduo, portanto, acreditam que isso deveria ser incentivado na sociedade. Já para as pessoas mais pobres, empreender foi uma forma de sobrevivência para a qual se é empurrado por uma situação econômica muito ruim, e estes prefeririam ter uma renda mais estável e trabalhos de carteira assinada e, inclusive, vários participam ou participaram de programas do governo, mais frequentemente do Programa Bolsa Família, mas também Fies e Proni.

O Bolsa Família apareceu como o programa que mais frequentemente foi alvo de estigmas, inclusive dos próprios beneficiários. As pessoas que não concordam com tal política afirmaram que a maioria dos beneficiários abusaria da ajuda e se acomodaria porque não querem trabalhar, e entre aqueles que defendem a continuidade da política tal defesa foi feita com ressalvas, pois existiam vários problemas: fraudes, falta de fiscalização, desincentivo ao trabalho e estímulo a ter muitos filhos. Além disso, houve um forte julgamento moral a respeito do uso do dinheiro do benefício, vários entrevistados acreditam que tal renda deveria ser direcionada para gastos com alimentação e bem-estar dos filhos, e não para lazer e diversão dos pais:



“Eu sou a favor de ter Bolsa Família só para quem precisa. Mas tem que ter mais controle.”

(HOMEM, 22 ANOS, BRANCO, NÃO EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“Eu concordo [com o Bolsa Família] porque acho que é a minoria que usa o dinheiro em benefício próprio, e não das crianças. Mas eu acho que tinha que ter uma análise melhor [para conceder o benefício]. Porque você tem que responder várias perguntas antes de receber, quanto ganha, quanto gasta... e as pessoas mentem. E eles não vão em busca disso. Acho que tinha que melhorar isso.”

(MULHER, 28 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu acho que não tem que dar Bolsa Família, é melhor ensinar a pescar, mas, se for temporário e só para quem precisa, eu sou a favor. Mas tem que ser junto com outras políticas para sair do Bolsa e entrar no mercado de trabalho.”

(MULHER, 42 ANOS, PARDA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu sou a favor de dar leite e cesta básica [para famílias pobres], mas Bolsa Família eu sou contra. Dar dinheiro eu sou contra.”

(HOMEM, 24 ANOS, PARDO, NÃO EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

As políticas de superação da pobreza implementadas pelo governo brasileiro, principalmente o Bolsa Família, não são consideradas a melhor forma de combater esse problema; para vários entrevistados, por exemplo, seria um equívoco dar benefícios em dinheiro, e não em comida, serviços ou oportunidades:



“Melhor do que dar 200 reais por mês, deveria usar esse dinheiro para dar oportunidade de curso, de trabalho, arrumar alguma coisa para a criança fazer, e não dar o dinheiro para a pessoa.”

(MULHER, 27 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

Esforço individual, “correr atrás” e “batalhar”, assim como a educação, apareceram com bastante força entre os entrevistados como principal forma de superação da pobreza. Os entrevistados compreendem que é necessário que o Estado ofereça “oportunidades”, como cursos profissionalizantes e empregos, em vez de “benefícios”, como o Bolsa Família, ou “privilégios”, fazendo referência a políticas afirmativas:



“Se tiver perseverança, muda a realidade. (...) Minha avó passou por coisa bem mais precária. Hoje tem mais oportunidade. Hoje os pobres conseguem mudar a própria situação.”

(HOMEM, 27 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, RECIFE)

“Para combater a pobreza, tem que gerar empregos para ganhar dignamente seu dinheiro. Dar dinheiro, não. A pessoa tem que lutar.”

(HOMEM, 30 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

3.2 RELAÇÕES RACIAIS

A grande maioria dos entrevistados afirmou que existe preconceito contra pessoas negras no Brasil. Foram muito frequentes os relatos da população negra entrevistada sobre racismo cotidiano na busca por empregos, no ônibus e em supermercados e lojas. Mesmo pessoas que não são negras também relataram casos de racismo que ocorreram com conhecidos ou parentes. Os moradores de regiões mais empobrecidas garantiram que a polícia age de forma mais agressiva e violenta contra os negros, da mesma forma, mães de adolescentes negros narraram o medo que elas têm de os filhos serem mortos pela polícia por serem negros. Casos de racismo sempre provocavam sentimentos de revolta, raiva, humilhação e impotência entre os entrevistados que os relataram:



“Tu tem um bom carro, uma boa casa, mas tu é negro, continua sendo alvo. Eu, todo dia, sinto isso e sinto humilhação, impotência, menosprezo.”

(HOMEM, 43 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

“Não atiram em você pela frente, atiram pelas costas.”

(HOMEM, 45 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

Alguns poucos entrevistados, porém, especialmente homens brancos, afirmaram que o racismo diminuiu muito e que, muitas vezes, os negros exageram porque, na atualidade, teriam praticamente as mesmas oportunidades que os brancos. Entre essas pessoas, especialmente os mais pobres, percebeu-se um sentimento de mágoa pelo fato de os negros serem mais contemplados pelo Estado em políticas de cotas, por exemplo, por serem negros. Alguns argumentaram que, às vezes, os negros utilizariam sua cor de pele para buscar privilégios, identificando nessa atitude ora um certo vitimismo, ora uma certa superioridade e arrogância. Inclusive, algumas poucas pessoas chegaram a falar na existência de racismo dos negros contra os brancos, conhecido como racismo reverso, e a culpar o movimento negro mais organizado por querer se impor aos brancos e criar uma diferença ainda maior entre as raças.

Aqui novamente apareceu a lógica da igualdade como base para o argumen-



to usado por esses entrevistados em detrimento da lógica da diferença, isto é, “todos somos iguais”. **Políticas baseadas em diferenças criariam privilégios, pois estariam baseadas na ideia de que existiria uma hierarquia racial e que, portanto, certas pessoas seriam superiores às outras por causa da cor da pele:**



“E os brancos pobres? Também tem negros ricos e tem gente que abusa por ser negra e quer tirar vantagem e aí não deixa de falar da escravidão. Nossa, a escravidão foi há muito tempo, não tem de estar lembrando isso. Eu acho que há racismo dos dois lados.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, CATÓLICA, PORTO ALEGRE)

“Direito dos negros? Por que a gente não vê direitos dos brancos. (...) Os negros não são vítimas da sociedade. (...) o branco passa fome da mesma forma.”

(MULHER, 24 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, RECIFE)

“Muito negro diz: ‘Eu sou empoderado’, como se fosse superior, arrogante.”

(HOMEM, 22 ANOS, NEGRO, PORTO ALEGRE)

“Eu não concordo [com cotas] porque somos todos iguais. Para eles [negros], seria mais um preconceito, mais um racismo: ‘Por que estão separando a gente das pessoas brancas?’. Seria mais um preconceito.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu acho errado [as cotas]. Porque somos todos iguais e, a partir do momento que você dá cotas para alguns, nós deixamos de ser todos iguais.”

(HOMEM, 36 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

A rejeição às cotas raciais se mostrou majoritária, inclusive entre os negros. O argumento mobilizado foi o da igualdade diante do privilégio: deveria haver igualdade entre negros e brancos, mas **cotas raciais simbolizariam privilégio e diminuiriam os negros, uma vez que indicam que eles teriam menos capacidades em comparação com os brancos.** Dessa forma, praticamente todos os entrevistados disseram ser enfaticamente a favor de cotas sociais para jovens pobres e/ou egressos de escolas públicas, e não para os negros. **Existe a percepção de que, se o negro possuir uma boa autoestima e se cuidar, se esforçar, estudar, batalhar, vai conseguir chegar ao mesmo nível que o branco,** afinal, para a maior parte dos entrevistados, o que explica a injustiça existente no acesso às universidades públicas seria a desigualdade econômica, e não a desigualdade racial, e, nesse sentido, os argumentos das pessoas negras foram iguais aos das pessoas brancas:



“Eu acho que não deveria existir cotas porque elas são um meio de racismo. A educação é para todos, então, se todos têm direito à educação, uma pessoa negra tem os mesmos direitos de uma pessoa branca, as mesmas possibilidades. Não deveria existir cota porque acaba abrangendo mais preconceito ainda.”

(MULHER, 45 ANOS, BRANCA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu penso assim, às vezes, o preconceito vem do próprio negro, porque, às vezes, o negro não está sendo diferenciado, mas eles usam isso pra dizer que tem preconceito. Então, essas cotas, pro negro dizer que tem mais direito e tal, aí já começa o preconceito, porque aí já bota uma desigualdade, já bota eles como diferentes, e, no fundo, no fundo, nós somos todos iguais, então por que tem que ter essa diferença?”

(MULHER, 29, BRANCA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)

“Pessoas negras não têm que ter cotas porque elas são normais, que nem a gente, e tem que se esforçar da mesma forma que a gente;

tem pessoas que usam as cotas a favor de si próprias. Infelizmente, ainda tem preconceito com pessoas negras, mas eu acho que, cada vez mais, está tendo menos preconceito.”

(HOMEM, 20 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“Primeiramente, ser negro não é uma doença. Então, por que você vai dar cota na faculdade? E, se a pessoa branca tirar 90 na prova e a negra tirar 51, quem passa é a negra? Isso não é doença. Todo mundo tem a mesma possibilidade de estudar e correr atrás.(...) Mas, em relação ao preconceito, eu acho que o que tem mais no Brasil é preconceito com as pessoas negras.”

(HOMEM, 21 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

A defesa de cotas raciais aconteceu apenas em algumas poucas tríades, nas quais, normalmente, todos se mostraram favoráveis às cotas, fossem os entrevistados negros ou brancos. Geralmente, essas pessoas eram mais jovens, havia negros nas tríades e a defesa das cotas se baseou no entendimento de que seriam uma intervenção política transitória até se atingir uma situação de igualdade entre brancos e negros ou, então, uma forma de reparação histórica por conta da escravidão:



“A escravidão acabou, mas os negros foram botados no trabalho braçal. Tem reflexo disso até hoje, então a cota racial é positiva até igualar oportunidades para negros e brancos.”

(HOMEM, 29 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

“Cota não é esmola, não. Porque, quando acabou a escravidão, jogaram a gente ao léu. O negro nos Estados Unidos ganhou um burro e um pedaço de terra, aqui, não, a gente só ganhou um pé na bunda e começamos a construir as favelas. O governo nunca fez nada.”

(HOMEM, 24 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

De forma geral, afirmou-se que **o Estado deveria diminuir as desigualdades, fornecendo uma educação boa para todos e melhores condições de emprego, mas não por meio de políticas públicas afirmativas para um grupo específico**, porque isso geraria mais privilégios para esse grupo, e não igualdade. Para acabar com o racismo, o que se destacou nas entrevistas foi o papel da educação das crianças, principalmente nas famílias, tendo em vista os valores do respeito e da igualdade:

“Racismo está na cabeça das pessoas. Só a educação dos jovens para mudar isso nas próximas gerações.”

(HOMEM, 22 ANOS, BRANCO, NÃO EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

3.3

DESIGUALDADES DE GÊNERO

Há uma percepção unânime entre os entrevistados de que ocorreram avanços importantes e positivos para as mulheres nos últimos anos, mesmo que todos concordassem que ainda existe machismo na sociedade. Novamente, **o argumento da igualdade entre homens e mulheres foi muito mobilizado para defender as mulheres, porém essa igualdade estava relacionada, principalmente, ao reconhecimento de uma situação equiparável no mercado de trabalho.**

A ida em massa das mulheres para o mercado de trabalho teria pontos positivos e negativos. Os pontos positivos destacados tanto por homens como por mulheres foram: maior “empoderamento” e independência da mulher; independência financeira da mulher em relação à família e ao marido; e aumento da renda das famílias:



“Hoje, as mulheres estão mais empoderadas. Tem uma força de vontade por um movimento em busca da melhoria. Elas estão certas de correr atrás do direito delas.”

(HOMEM, 24 ANOS, PARDO, NÃO EVANGÉLICO, SÃO PAULO)



“Muita coisa mudou para as mulheres. Elas estão mais independentes. A mulher conquistou o espaço dela no mercado de trabalho. Ela provou fazendo, mostrando que tem capacidade e tirando muito homem da jogada.”

(HOMEM, 30 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“Eu concordo com movimentos que apoiam as mulheres, até porque trouxeram muitos direitos, (...) eu concordo com a igualdade de trabalho, a igualdade nos lugares, a igualdade de andar da forma que ela quer andar e que não tem diferença entre homem e mulher em relação a trabalho, a cargos políticos, tudo...”

(MULHER, 27 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“Eu acredito na mulher empoderada, que sai de casa para conquistar, que tem o seu dinheiro. Mas eu não uso essa palavra feminismo, eu acredito mais na mulher empoderada, que cuida da sua casa, que conquista suas coisas, que compra tudo o que quer e faz tudo o que quer.”

(MULHER, 27 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

Já no que diz respeito aos pontos negativos, foi relatada, tanto por homens como por mulheres, a dificuldade de conciliar a carreira com o cuidado dos filhos,

porém apenas as mulheres salientaram a dificuldade de encontrar amparo no cuidado com as crianças, considerando a atuação do Estado e das famílias. Ainda que entre as mais jovens haja maior cobrança para que os homens assumam tarefas domésticas, as mães *solo* entrevistadas disseram que ainda é comum que os homens abandonem as crianças com as mães:



“Eu ensino [meu filho] que ele também tem que ajudar, até mesmo pra se ele quiser morar sozinho, vai saber se virar sozinho, não vai ficar aquela dependência de mãe, de alguém. Hoje em dia, muitos homens nem saem de casa porque não sabem fazer nada, dependem da mãe, da esposa.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)

“Ah, o homem vai embora e tu fica com a criança e aí, com criança pequena, tu arruma trabalho como? É muito difícil para a gente, tem muita mulher que nem eu.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, PORTO ALEGRE)

Ainda que algumas mulheres apontassem que seria benéfico para as crianças que a mãe pudesse permanecer em casa na primeira infância, nas tríades mas-



culinas, sobretudo nas formadas por homens mais velhos, alegou-se com maior ênfase que a presença das mães em casa seria fundamental para a boa educação dos filhos. Além disso, alguns homens também afirmaram que a maior independência das mulheres poderia resultar em um aumento de casos extraconjugais, e que tal comportamento provavelmente seria responsável pelo aumento de casos de violência doméstica. Essa opinião foi mais frequente de acordo com a idade do entrevistado:



“Antigamente, o homem era homem, a mulher não tinha que trabalhar, ir pra fora, porque o homem era obrigado a bancar tudo. Se eu tivesse dinheiro à beça, eu não ia querer que minha namorada saísse pra trabalhar e deixasse a filha dela com a minha sogra, eu ia querer que ela cuidasse, porque a menina é pequena e precisa da mãe. Eu queria muito ter acompanhado o crescimento do meu filho, e queria que ela acompanhasse, mas ela falou que, infelizmente, tem que trabalhar. Ela chega do trabalho e a filha tá dormindo, ela não tá acompanhando o crescimento da criança.”

(HOMEM, 43 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“A mulher, quando sai do seu espaço, tem papel importante na sociedade, mas tem que ser debaixo da graça de Deus. Vou sair para trabalhar para ajudar o meu marido. Só que aí o ‘feminicídio’ triplicou. Estranho? A mulher hoje está batendo no peito. O marido fala duas palavras, ela fala dez. E tem cara que é nordestino, cangaceiro, não aceita. Faz o quê? Mata! Como eu disse, eu chego na minha mulher e dou a lição, não posso relar a mão em você, mas eu posso pegar as minhas coisas e ir embora. É pra ajudar o seu cônjuge, mas, infelizmente, umas saem para sair, outras saem para (...) Como disse, tem mulher que chega e dá na cara do cara. Então, não tá batendo. É como você dar um celular na mão de uma criança que não sabe usar. O número de adultérios aumentou.”

(HOMEM, 43 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

Entre esses homens mais velhos e com opiniões, em geral, mais conservadoras apareceu a ideia de que, na atualidade, as mulheres estariam mais agressivas no âmbito do trabalho, mais impositivas na esfera doméstica e mais “depravadas” no espaço público. Tendo isso em vista, afirmaram que as mulheres podem ser CEOs de empresas importantes desde que mantenham o decoro na hora de agir e não queiram ser feministas, ou seja, “superiores aos homens”:



“As mulheres, antes, se valorizavam mais. Elas se oferecem muito hoje, são atiradas, vulgares... mas, ao mesmo tempo, hoje elas têm mais palavra, mais voz, mais poder.”

(HOMEM, 20 ANOS, NEGRO, NÃO EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

“Já tive uma chefe mulher que era TPM 30 dias por mês, tinha que saber lidar com os hormônios dela o mês todo, e essa nem foi a pior. (...) Desde que Maria foi promulgada ao posto que ela tem no catolicismo, existe um culto ao feminino, e, desde então, a sociedade tem a tendência de colocar a mulher acima, só que a gente não está percebendo. Na minha opinião, hoje as mulheres não querem igualdade, não as mulheres, o feminismo quer o controle. Porque igualdade já há, já existem líderes femininas há muito tempo, em multinacionais, empresas públicas, as mulheres já estão ocupando cargos.”

(HOMEM, 38, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

As características tidas como negativas pelos homens (em especial os acima de 40 anos) sobre a maior liberdade da mulher, no entanto, eventualmente foram vistas como positivas pelos homens mais jovens:



“Antes, mulher só servia para ficar em casa, o que é totalmente sem sentido. (...) Melhorou, mas precisa melhorar muito. Ainda tem muito preconceito. A gente que é homem e jovem tem que mudar a cabeça também.”

(HOMEM, 22 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“A mulher hoje tem mais palavra.”

(HOMEM, 23 ANOS, PARDO, PORTO ALEGRE)

Tanto os homens como as mulheres que se declararam evangélicos falaram sobre a ideia de “submissão” da mulher que está na Bíblia. Foi consensual que homens e mulheres teriam naturezas diferentes e qualidades diferentes, porém, para uma parte dos entrevistados, principalmente mulheres, isso significa que a mulher tem o papel de guiar, ajudar e aconselhar o homem, que seria o executor, mas que é necessário que ambos se respeitem; já outros entrevistados, principalmente homens, entendem que, de fato, a mulher exerceria um papel secundário em comparação ao homem e lhe deveria obediência:



“A submissão é um conceito bíblico e significa segunda missão, ajudar, guiar, centrar o homem, porque ele é desorganizado, fraco, mas não significa que a mulher seja inferior, as decisões devem ser tomadas entre ambos.”

(HOMEM, 29 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

“A mulher deve assumir as tarefas domésticas. A Bíblia fala que as mulheres devem ser as responsáveis.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, RECIFE)

Tanto as pessoas evangélicas como as não evangélicas se declararam contra a descriminalização do aborto em caso de práticas sexuais consensuais, inclusive as entrevistadas que foram mães adolescentes. **O aborto é percebido por praticamente todos os entrevistados como um problema individual, e não uma questão estrutural** que afeta as mulheres ou mesmo uma questão de saúde pública. Os argumentos mais utilizados foram que as mulheres deveriam ser consequentes com seu comportamento e agir com responsabilidade e que descriminalizar o aborto levaria a uma “avalanche de abortos”. No entanto, é preciso destacar que, mesmo entre as pessoas que se declararam religiosas, houve diferenças importantes. Os evangélicos mais religiosos afirmaram que o aborto é

pecado e que a mulher não deveria abortar nem mesmo em caso de estupro, mas algumas mulheres mais jovens admitiram que não julgariam uma mulher que o praticasse, em geral também com um argumento de responsabilidade individual:



“Aborto é complicado, não vou julgar porque depende da situação. É muito pessoal.”

(MULHER, 20 ANOS, BRANCA, CATÓLICA, PORTO ALEGRE)

“As feministas querem abortar quando quiserem, fecha as pernas! Elas não têm limites... Imagina se legalizar o aborto, vira epidemia. Todo o mundo faria.”

(MULHER, 27 ANOS, PARDA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

A grande maioria das pessoas entrevistadas disse ser a favor da educação sexual nas escolas para prevenir a gravidez indesejada e doenças de transmissão sexual, mas, com muita frequência, a educação sexual confundiu-se com sexualizar as crianças e incentivar o sexo precoce. A defesa da educação sexual “em abstrato” foi confrontada com um ataque à educação sexual “em concreto”, existente nas escolas e que teria por objetivo expor crianças a temas inapropriados.



Uma educação sexual considerada “boa” seria aquela baseada exclusivamente em um modelo de relação heteronormativa e monogâmica, e a educação considerada “ruim” seria aquela que não elegeesse tal modelo como paradigmático. Levando em consideração a desconfiança geral do sistema escolar apontada anteriormente, os entrevistados mais críticos ao papel da escola acreditam que mesmo a “boa educação sexual” deveria ser realizada apenas na esfera doméstica, e não nas escolas. Já aqueles que consideram a escola como um local apropriado observaram que a educação sexual deveria ser ministrada no “momento certo”, porque, de outra forma, estaria instigando as crianças a ter relações sexuais:



“Sim, educação sexual na escola, sim, mas de forma séria, não como é hoje em muitas escolas. Tem de ser na puberdade, quando a criança estiver maior, porque senão você vai estar incentivando.”

(HOMEM, 27 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

Ainda sobre a educação das crianças, todos acreditam que estas deveriam ser educadas em casa com valores como igualdade e respeito pelas mulheres. A maioria das entrevistadas afirmou que os meninos deveriam ser ensinados a serem bons pais, dividir as tarefas domésticas e tratar bem as mulheres, mas também apareceu entre alguns entrevistados, em particular, mas não somente, homens acima dos 40 anos, a ideia de que, se o menino receber uma educação

igual à da menina, isso poderá acabar diminuindo sua masculinidade e fazendo com que ele “vire gay”:



“Hoje, eu tento ensinar para o meu filho: ‘Filho, varrer uma casa é coisa pra todo mundo’. Lógico que ele não faz, mas, assim, eu estou lavando a varanda e peço pra ele puxar com o rodo, entendeu?”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)

“Meu filho não ia ser gay porque eu ia ensinar ele a ser homem, ia ensinar coisas de menino. Eu ensinaria ele a ficar com menina e, se for necessário, levaria numa casa dessas, você sabe.”

(HOMEM, 23 ANOS, NEGRO, CATÓLICO, PORTO ALEGRE)

Tendo em vista os posicionamentos da maior parte dos entrevistados sobre o papel desempenhado pelas mulheres no mercado de trabalho e na esfera doméstica, é possível dizer que **existe simpatia pelo aumento da liberdade feminina, mas isso raramente se estende à sexualidade e ao corpo**. As mulheres são percebidas como “iguais aos homens” no mercado de trabalho, a despeito de ainda enfrentarem preconceitos, situações de assédio e muitas dificuldades



com a maternidade. No entanto, tal igualdade não diz respeito aos direitos reprodutivos e à liberdade sexual, justamente as pautas que costumam ser mais destacadas pelos movimentos feministas contemporâneos.

A grande maioria dos entrevistados demonstrou uma rejeição muito importante dos movimentos feministas atuais e às suas militantes. As críticas ao feminismo contemporâneo foram semelhantes entre homens e mulheres, e as questões consideradas problemáticas foram bastante parecidas nos dois grupos. **O estereótipo que surgiu na maioria das entrevistas é o da feminista radical, agressiva, imoral, que quer ser superior ao homem ou “tirar o papel do homem”** e foi frequente a imagem das feministas como mulheres nuas, sujas, com pelos debaixo dos braços. Assim, ainda que se afirmasse a importância da luta das mulheres e do feminismo “de verdade” ou “tradicional”, nas palavras dos entrevistados, houve uma rejeição do feminismo contemporâneo, o qual teria se perdido em exageros e reivindicações desnecessárias e/ou passado dos limites na estética transgressora, masculinizando as mulheres:



“Não gosto. Elas são radicais demais.”

(MULHER, 21 ANOS, BRANCA, PORTO ALEGRE)

“As mulheres podem ser feministas, desde que elas sejam mulheres, a mulher precisa estar sempre bem aparentada, pra que agora a mulher

vai andar de bermudão, com pelo debaixo do braço, com o cabelo todo alvoroçado? A imagem que eu trago é a beleza da mulher, onde tá essa beleza? Esse toque que encanta e ajuda o homem? Não que seja proibido, mas isso não é bonito pro homem, não, pô, até porque os homens também têm que ir no barbeiro, cortar o cabelo.”

(HOMEM, 38 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

“Elas pensam que são superiores. Protesto de mulher pelada é ridículo. Elas chamam a atenção de forma negativa, regridem e se denigrem. As feministas não se portam como deve ser uma mulher, centrada, sem impor seu corpo, tem de querer aparecer nua e focar no que importa, trabalhar e estudar.”

(HOMEM, 22 ANOS, NEGRO, PORTO ALEGRE)

“Não vou ter marido, não vou ter filho. (...) Por que tem que ser tão ao pé da risca? (...) Querem [as feministas] tirar a identidade da mulher.”

(HOMEM, 36 ANOS, PARDO, CATÓLICO, PORTO ALEGRE)

Também demonstraram incômodo quase todos os entrevistados com performances específicas que ocorrem em certos protestos. Homens e mulheres,



evangélicos ou não, jovens e pessoas mais velhas, todos ressaltaram que, a despeito de terem simpatia pela luta das mulheres por mais direitos e igualdade, se sentem ofendidos com supostas práticas e performances feministas que buscam chocar a sociedade desrespeitando as religiões cristãs, como tirar roupas em igrejas, performances obscenas utilizando santas e crucifixos, urinar em símbolos sagrados etc.:



“Eu, particularmente, me sinto agredida e até ofendida quando eu vejo o movimento feminista ou mulheres usando a religião de uma forma muito vulnerável, quando elas agredem outra pessoa pela religião dessa pessoa, ou agredindo outras pessoas pelo partido político ou pelo lado que elas estão. Isso não é válido. É um movimento em prol das mulheres, e não para agredir outras mulheres ou a sociedade. Como eu citei um exemplo, eu vi na televisão que, em um movimento feminista na Avenida Paulista, algumas mulheres introduziram crucifixos, que são um símbolo muito específico da igreja e dos cristãos, no ânus. Ou, então, até coisas como eu já vi artistas dizendo que Jesus era gay ou que Deus é homossexual. Eu acho que isso é agredir a religião das outras pessoas. Feminismo não é isso,

é para ajudar as mulheres a conquistar espaço na sociedade.”

(MULHER, 30 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

“O movimento feminista exagera um pouco – que nem deixar pelo debaixo do braço igual a um homem. Eu acho que feminismo não é isso, gente. Lutar pelos seus direitos tudo bem, mas você deixar os pelos da axila grandes e dizer que, se homem pode, você também pode andar sem camisa. A gente vive em uma sociedade que o homem não vai entender uma mulher andando sem blusa. Eu vi professoras mijando no (...), que tipo de pessoas são essas?”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, RIO DE JANEIRO)

Para além da percepção geral de descontrole dos corpos das feministas, os corpos das mulheres, em geral, também são percebidos como saindo do controle dos homens. Em algumas tríades de homens, apareceram sentimentos de raiva e rancor por conta disso, de modo que casos de violência doméstica tidos por estes como “leves” poderiam ser aceitáveis. Essa maior rejeição do papel mais livre das mulheres foi mais comum entre o público de perfil mais velho e que, ao longo das entrevistas, se mostrou mais conservador – ou seja, uma rejeição que acompanhou também restrição a temas de desigualdade racial, de apoio a programas de distribuição de renda, ao discurso de direitos humanos etc.:



“Hoje, não pode nem encostar que já tem Lei Maria da Penha rápido. Cadê Lei Maria da Penha para a gente.”

(HOMEM, 36 ANOS, PARDO, CATÓLICO, PORTO ALEGRE)

“Outra coisa que falo muito com a minha esposa é que ela saia para trabalhar, [mas] não [tenha] a soberba da mulher [que] bate no peito e diz: ‘Agora é a mulher do século 22, que manda, desmanda, eu saio, eu tenho independência financeira, então, se não deu certo o casamento eu me separo’. Não! Tá errado! Meu vô falava: ‘Você vai casar com esse cara? Apanhar? Tomar uma surrinha de leve porque ele deixou uma toalha na cama’. Agora, se estrangular, eu concordo que ele não volte com a minha filha. Hoje, meninas de 12, 13 anos [estão] no funk, grávidas já.”

(HOMEM, 43 ANOS, PARDO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

“A minha mulher discutiu comigo, eu dei umas porradas, ela foi na delegacia e representou uma medida protetiva contra mim. Minha mulher é meio loucona e o delegado representou a queixa. Dá

vontade de ir lá na delegacia e falar: ‘Olha aqui, mermão, tá morando comigo ainda’. Isso acontece! Eu queria arrebentar ela e ela ter razão de ir pra delegacia, porque eu não fiz nada, foi briga de casal, ela se sentiu magoadinha e falaram ‘vai pra delegacia, vai pra delegacia’. Ela chega lá, veem uma mulher bonitinha chorando, sorte que ela não levou pra frente, senão teria me prejudicado muito.”

(HOMEM, 35 ANOS, PARDO, ESPÍRITA, RIO DE JANEIRO)

A despeito disso, **todos os participantes são veementemente contrários à violência contra as mulheres e disseram rejeitar a ideia de que a mulher possa ser culpada quando sofre uma agressão sexual.** Várias das entrevistadas relataram episódios de violência doméstica e/ou agressões sexuais, e homens e mulheres afirmaram que, para acabar com tais práticas, o Estado deveria punir com severidade a violência e dar suporte às vítimas. A palavra feminicídio chegou a aparecer em algumas falas, ainda que eventualmente fosse confundida com feminismo por algumas pessoas:



“Feminismo? Horrível... Ah, não, pera aí, não é isso, é essa coisa do feminicídio, perdão.”

(MULHER, 30 ANOS, BRANCA, PORTO ALEGRE)



“Feminicídio sempre existiu, tem que ter uma punição mais severa pra isso não acontecer. Bateu na mulher, é reincidente, fica preso aí dois, três anos na cadeia pra aprender.”

(HOMEM, 35 ANOS, PARDO, CATÓLICO, RIO DE JANEIRO)

Dessa forma, ainda que permaneça uma imagem negativa do movimento feminista atual, de suas militantes e de certas performances realizadas durante protestos, é possível dizer que **existe um consenso entre a maioria dos entrevistados de que as principais pautas defendidas pelos movimentos feministas, com exceção do aborto, são importantes**, e para tanto se invocou novamente a lógica da igualdade:



“Eu acho que não tem que ter tanto feminismo, mas, se, por exemplo, a mulher é agredida, eu acho que tem que ter um acolhimento para essa mulher, para ela poder não correr risco de morte, ter um local para ela ir, ter um acolhimento mesmo. Mas eu acho que [não tem que ter tanto feminismo] porque somos todos iguais, não deveria ter diferença entre mulher e homem, isso deveria vir da educação, vir de casa, de como você trata seus filhos, como eles veem o

seu marido te tratando, deveria vir da educação desde criança e ter direitos iguais para homem e para mulher.”

(MULHER, 45 ANOS, BRANCA, NÃO EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

3.4

PRECONCEITO CONTRA LGBT

A temática LGBT foi aquela que despertou maior resistência entre os participantes da pesquisa. Após as primeiras perguntas sobre “relacionamento entre pessoas do mesmo sexo”, muitos soltaram expressões de desconforto como “esse tema é complicado”, “esse assunto é delicado” e mediram as palavras, se policiando mais para emitir suas opiniões em comparação com os outros temas explorados. As mulheres jovens e as menos religiosas tiveram mais facilidade para falar sobre a questão LGBT, mas, para a maioria dos entrevistados, que eram homens, evangélicos e mais velhos, a homossexualidade é respeitada desde que tornada invisível, que se mantenha no âmbito privado. Nesse sentido, apareceu com frequência a figura do “gay comportado” diante do “gay exagerado, obsceno, que se exhibe demais”. Essa homossexualidade tida como “ostensiva” não é aceita porque seria desrespeitosa, agressiva, afrontosa.

A dicotomia entre público e privado apareceu muito forte nesse tema. O espaço público é pautado pelo padrão heteronormativo, tido como “normal” e regulador das relações sociais que são desejáveis. Assim, considerou-se que **a prática da homossexualidade que não é tornada invisível no espaço público atentaria contra o padrão que deveria nortear a sociedade**. No espaço privado, no entanto, as relações são mais flexíveis; afirmou-se repetidas vezes que “dentro de quatro paredes, cada um é livre para praticar sua sexualidade”:



“Ver homem na rua de mãos dadas me incomoda. Eu não me importo, mas longe de mim. Tem alguns que são baixos, exagerados, agridem as famílias e as crianças.”

(HOMEM, 38 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

“Tem muito gay que não respeita hétero. Respeito tem que vir das duas partes, os gays têm que ter postura. Tem coisas que são exageradas demais. Parece que querem jogar na cara da sociedade que são gays.”

(MULHER, 28 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, SÃO PAULO)

Muitos dos entrevistados disseram que **hoje ser gay é uma “modinha”** e que a televisão ou a esquerda incentivam as gerações mais jovens a serem gays. Nesse sentido, foi destacado por alguns entrevistados o caso do kit escolar anti-homofobia, que ficou conhecido pejorativamente como “kit-gay”. Os entrevistados acreditam que essa política de fato promoveu práticas de incitação à homossexualidade na educação pública e ainda há um sentimento de receio sobre a educação sexual nas escolas por esse motivo. Segundo sua percepção, as crianças, por ainda não terem desenvolvido plenamente sua sexualidade, seriam vulneráveis a se sentir inclinadas à homossexualidade quando expostas a tal prática nas escolas. Outro destaque foram as novelas da Rede Globo, como

“Malhação” e a “novela das nove”, que são percebidas por vários entrevistados – e essa percepção aumenta com a idade – como exemplos de normalização da homossexualidade que seriam acessados por crianças e jovens. Os entrevistados afirmaram que, pelo fato de a televisão ser um veículo de comunicação tão importante, ela teria que assumir um papel educativo, e não deveria exibir práticas LGBTs como normais, “banalizando” e “impondo” o tema à sociedade:



“Tem muitos gays que gostam de afrontar, esse que é o problema, eles querem a mídia, bota na novela, na Malhação, impõem, impõem aquilo. Eles se empoderaram, acham que são donos da verdade, vão andar de mãos dadas no shopping e você tá com o seu filho ali. Fazer entre quatro paredes tudo bem, a casa é deles, mas a sociedade não é obrigada a aturar, a assistir.”

(HOMEM, 45 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

Há um posicionamento geral contra a ideia do politicamente correto, de uma “vitimização” da população LGBT e de uma utilização excessiva da orientação sexual pelas pessoas, como se esta condicionasse tudo, notadamente quando levamos em consideração a noção geral de sexualidade como escolha individual. Nesse sentido, o argumento foi muito similar ao utilizado nos casos dos negros e das mulheres: **há um temor de que argumentos identitários passem a pautar**



as relações sociais. Uma pessoa LGBT poderia relatar experiências de sofrimento com agressões sofridas, mas, se essa mesma pessoa atribuísse as violências sofridas automaticamente ao fato de ser LGBT, ela estaria exagerando a importância de sua orientação sexual na sociabilidade e se utilizando de “vitimismo”. Para a maior parte dos entrevistados, as questões identitárias não deveriam ter prioridade nem na identificação dos sujeitos nem em sua sociabilidade, porque, do contrário, isso poderia aumentar as diferenças entre as pessoas, reduzi-las a tais identidade e contribuir para a divisão do país:



“Ah, porque a Marielle é uma heroína, mas por que ela era uma heroína? Porque ela era mulher, negra e lésbica. Porra, a mulher fez tanta coisa importante, mas colocam isso em primeiro lugar, reduzem à mulher, negra e lésbica. Então, na minha opinião, o homossexualismo não deveria estar na frente do que a pessoa é.”

(HOMEM, 38 ANOS, NEGRO, EVANGÉLICO, RIO DE JANEIRO)

Em relação à ideia da homossexualidade ser uma opção, os entrevistados se dividiram, algumas pessoas disseram que há “gays de verdade, de coração” em oposição àqueles que “são gays por moda”, e outras, principalmente pessoas evangélicas, afirmaram que a homossexualidade não é natural, ou seja, “não se nasce gay”, e que a homossexualidade seria uma opção passível de ser reverti-

da. Inclusive, os entrevistados com opiniões mais conservadoras, homens acima de 40 anos e evangélicos, compreendem que ser homossexual não só não seria “correto” como seria uma “safadeza”, algo obscuro. Já no que diz respeito à transexualidade, a maioria das pessoas afirmou que a mudança de sexo é antinatural, não deveria existir, e que as cirurgias para mudança de sexo teriam de ser pagas pelas próprias pessoas, e não pelo sistema público de saúde. No entanto, o tema pareceu muito distante da realidade da maior parte das pessoas entrevistadas.

Os evangélicos utilizaram argumentos bíblicos para condenar as práticas homossexuais, ainda que fizessem a ressalva de que seria preciso acolher as pessoas, que apenas o comportamento seria reprovável, “pecaminoso”, mas não a pessoa em si, de modo que seria obrigatório, para qualquer cristão, amar e acolher a população LGBT. Alguns cristãos, em geral homens e alinhados a um perfil mais conservador, afirmaram que existiria a figura do “ex-gay”, disseram que dentro da igreja o homossexual poderia “virar homem de novo” com fé e força de vontade, e tenderam a defender a ideia de “cura gay”, ainda que não utilizassem tal termo, o qual é rejeitado pela maioria dos entrevistados, pois, em suas palavras, “homossexualidade não seria uma doença”:



“A vida é de cada um, é própria. Mas, como cristão, não aceito. (...) A Bíblia diz que tenho que amar, mas é um ato errado, é um pecado. (...) Não concordo porque Deus diz que o homem e a mulher são uma só carne.”

(HOMEM, 38 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, RECIFE)



“A gente não aceita porque é pecado, mas o dever cristão é acolher e amar. Amamos, mas não concordamos; Deus criou homem e mulher, Adão e Eva. Deus abomina, mas é ele que vai condenar, nós temos de acolher e, com ajuda de Deus, na Igreja, o homem vai deixar de ser gay e virar homem de novo. Já vi muito ex-gay na Igreja, inclusive pastor.”

(MULHER, 23 ANOS, NEGRA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

Assim como aconteceu com o forte estigma sobre o feminismo, a visão sobre o movimento LGTB também é negativa e foi comum o entendimento de que seus militantes são exagerados, obscenos, vitimistas, querem se “impor” à sociedade, “forçando” as pessoas a aceitá-los. Inclusive, **para a maioria dos homens, a homossexualidade se relaciona de alguma forma com a falta de masculinidade**. E, nesse sentido, é possível destacar alguns entrevistados que chamaram a atenção para a perda de espaço do homem branco heterossexual diante dos avanços em termos de representatividade dos negros, das mulheres e dos LGBTs na sociedade, aos quais reagiram de modo negativo, raivoso e lamurioso:



“Se nós falar veado para veado, ele vai se defender, e nós não pode. Se falar negro para o negro, também. Se tocar na mulher, ela tem Maria da Penha, e a gente? Não é direitos iguais? A corda sempre arrebenta para os mais fracos, e os mais fracos somos nós. Deveriam ter uma lei para proteger a gente também.”

(HOMEM, 35 ANOS, PARDO, PORTO ALEGRE)

A despeito disso, união em cartório de pessoas do mesmo sexo se mostrou geralmente aceita pela maioria dos entrevistados, tanto nos grupos femininos como nos grupos masculinos, mas o casamento religioso foi rejeitado, pois tal prática seria reservada apenas para casais heterossexuais – e diria respeito à liberdade religiosa de cada igreja definir quem pode casar naquele espaço. Já a adoção de crianças dividiu os participantes. Especialmente, mas não apenas, para as mulheres, a adoção seria positiva porque há muitas crianças sem família, e por isso seria mais importante que tais crianças pudessem ser acolhidas e cuidadas. Afirmou-se, inclusive, que os *gays* são muito afetuosos e dariam muito amor para a criança – o que aponta para uma fusão entre a imagem do “feminino” e a do “homossexual”. No entanto, principalmente entre os homens e entrevistados de perfil mais velho, acima de 40 anos, a adoção por homossexuais seria algo negativo, pois a ideia de ter “duas mães” ou “dois pais” poderia “afetar o psicológico das crianças”. Além disso, a criança poderia sofrer com o preconceito que



os próprios pais sofrem, além de desenvolver uma carência da figura materna ou paterna, o que influenciaria negativamente em seu desenvolvimento emocional, e cresceria pensando que a homossexualidade é algo normal:



“Eu sou a favor. Tanta criança sem pais, sozinha, esperando para ter uma família. E tem gay muito amoroso, que vai cuidar e vai dar muito amor.”

(MULHER, 29 ANOS, BRANCA, EVANGÉLICA, PORTO ALEGRE)

“Uma criança crescer vendo isso é estranho, deve confundir, mas, às vezes, esses pais dão muito mais amor do que outros que abandonam. Então, não vou ficar a favor, mas também não vou ficar contra.”

(MULHER, 43 ANOS, NEGRA, EVANGÉLICA, RECIFE)

Houve uma unanimidade entre os entrevistados sobre o preconceito e a violência sofrida pela população LGBT. Todos afirmaram que tal população sofre muitas agressões e se posicionaram totalmente contra tais práticas. No entanto, a maioria se mostrou contra a tipificação do crime de homofobia porque pensam que isso implicaria mais diferenças e privilégios e poderia até mesmo aumentar a violência contra LGBTs:



“A gente nunca ouviu falar de homofobia e sempre teve gay. Aumentou a violência contra eles em parte porque eles apelaram, se expõem, mas tem muito gay comportado.”

(MULHER, 30 ANOS, BRANCA, CATÓLICA, PORTO ALEGRE)

Assim, no âmbito das relações pessoais, deve-se praticar o respeito e prevaleceu o argumento de que “somos todos iguais”:

“Eu sou contra, mas eu respeito. Você não concordar é uma coisa, você querer punir com as próprias mãos é algo totalmente diferente. Ninguém tem o direito de corrigir ninguém, principalmente com violência. As pessoas escolhem o que elas querem. Só não somos obrigados a incentivá-las a continuar nesse caminho.”

(HOMEM, 36 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, SÃO PAULO)

Tendo isso em vista, a expulsão de filhos gays de casa foi rejeitada pela maioria dos entrevistados, principalmente por mulheres e pessoas mais jovens, as quais também afirmaram que acolheriam filhos/as transexuais. Vários entrevistados disseram que, se um/a filho/a se assumisse gay, sentiriam um choque, e que lidar com tal situação não seria fácil, inclusive porque teriam medo de que o/a

filho/a fosse vítima de violência, no entanto, não o/a expulsariam de casa e procurariam ser acolhedores e amorosos. Porém, essa posição foi mais forte entre os mais jovens, em geral, mais abertos à homossexualidade como algo normal. Para outro perfil de entrevistados (mais velhos e com posições mais refratárias à liberdade sexual), o acolhimento de filhos/as homossexuais estaria condicionado à invisibilização da homossexualidade, ou seja, tal prática não deveria ser “exibida” em frente dos pais porque isso seria uma falta de respeito. Assim, **o espaço do lar e da família é tido como um espaço de acolhimento e amor, mas não necessariamente de aceitação incondicional:**



“Ah, para mim, seria complicado. Não vou negar, seria um choque. Mas filho é filho, a gente vai amar sempre e vai acolher. Não tem isso de expulsar de casa, mas também eu ia querer que ele me respeitasse, que não ficasse se agarrando com o namorado na minha frente.”

(HOMEM, 32 ANOS, BRANCO, EVANGÉLICO, PORTO ALEGRE)

Para diminuir a violência e o preconceito e passar a existir mais tolerância com a população LGBT, os entrevistados compreendem que seria necessário combater o preconceito desde cedo. As crianças deveriam ser educadas tendo em vista valores como igualdade e respeito, dado que a intolerância é percebida pelos entrevistados como algo próprio de indivíduos intolerantes, e não como uma questão estrutural.



4 CONCLUSÕES

A realização de uma pesquisa qualitativa de abrangência nacional que combinou entrevistas em profundidade com dinâmicas análogas a de grupos focais possibilitou a obtenção de dados detalhados e complexos sobre os valores e percepções acerca de diferentes desigualdades por parte do perfil enfocado. A pesquisa permitiu avançar uma série de conclusões gerais que dizem respeito às falas da maior parte dos entrevistados, independentemente de gênero, religião e idade, que serão abordadas a seguir, tendo em vista considerações relacionadas às seguintes dimensões: pensamento abstrato vs. pensamento concreto; lógica da igualdade vs. lógica da diferença; público vs. privado; estrutura vs. indivíduo; “lacrção” vs. “vitimismo”.

No entanto, houve diferenças importantes entre determinados grupos. Os que tendem a ser mais conservadores são: evangélicos; homens; acima de 40 anos; e são menos conservadores: pessoas católicas ou sem religião; mulheres; pessoas mais jovens. Além disso, ocorreram também diferenças quanto à percepção de desigualdades e preconceito por quem é mais pobre e menos escolarizado em comparação com pessoas com maior renda e escolaridade, as quais tendiam mais a reclamar do vitimismo alheio, o que também condiz com pesquisas recentes sobre a avaliação do governo Bolsonaro, mas não foi possível detectar diferenças regionais marcantes entre os entrevistados. As diferenças mais expressivas entre diferentes perfis podem ser encontradas no quadro-resumo a seguir:



AS DIFERENÇAS ENTRE DIFERENTES PERFIS

	GÊNERO		FAIXA ETÁRIA		ETNIAS		RELIGIÃO		CONSERVADORISMO	
	HOMENS	MULHERES	JOVENS	ADULTOS	BRANCOS	NEGROS	EVANGÉLICOS	NÃO EVANGÉLICOS	MAIS	MENOS
VALORES E FAMÍLIA	Sentimento de perda de hierarquia e função dentro da estrutura familiar	Dificuldades de conciliar maternidade com rotina profissional e criar vínculos com os filhos	Sentimento de isolamento por conta da rotina corrida e da violência	Jovens seriam individualistas, não respeitariam autoridades e seriam precoces em relação a bebida e sexo	×	×	A fé cristã aparece, ao lado de valores como ordem e hierarquia, como bases da família	×	Resgate da família tradicional; sensação acentuada de decadência; perda de hierarquia e ordem	Faltam entendimento e diálogo dentro das famílias para contornar possíveis problemas
CRIMINALIDADE E SEGURANÇA	Revolta contra a violência; divisão binária trabalhador vs. bandido; penas mais duras para "bandidos"	Medo de sair sozinha na rua e do contato dos filhos com a violência; relativizam divisão entre trabalhador vs. bandido	Tendem a incorporar a violência como parte do cotidiano	Frustração com o aumento da violência e sensação de perda do espaço público	Admitem ter preconceito contra negros e favelados, considerando-os potenciais bandidos	Preconceito contra negros em abordagens policiais; abordagens policiais mais violentas; preconceito generalizado: negro = bandido	Igreja e fé cristã como refúgio para a violência e criminalidade	×	Desumanização do outro que é percebido como ameaça: negros, favelados, bandidos, presidiários	Relativizaram divisão entre trabalhador vs. bandido; humanização do outro
POLÍTICA NACIONAL E ELEIÇÕES	×	×	Sentimento mais acentuado de revolta contra políticos e desejo de mudança	Maior decepção com o Partido dos Trabalhadores por conta de escândalos de corrupção	×	×	Ressaltaram que Jair Bolsonaro defende a família e a fé cristã	×	Bolsonaro irá restaurar ordem, moral, bons costumes, hierarquia	Rejeitaram Bolsonaro e seus discursos como muito radicais
COMUNICAÇÃO E USO DA INTERNET	Maior rejeição de gays na televisão; maior preocupação em buscar informações sobre política e economia em vários meios	×	Internet é o meio por excelência de comunicação, rejeição grande à televisão	Utilizam bastante a internet, mas se preocupam com fake news e conteúdos impróprios para crianças	×	×	Rede Globo é percebida como contrária aos valores cristãos; preferência pela Rede Record	×	Visão mais negativa da internet: conteúdos impróprios e alienação dos jovens	Imagem mais positiva da internet como ferramenta de conhecimento e empoderamento do cidadão
RAÇA/ GÊNERO/ LGBT	Maior desconforto com a independência feminina, mulheres feministas e homens gays tidos como "afeminados" e "afrontosos"	Maior valorização da conquista de direitos pelas mulheres e das pautas feministas; maior empatia e disposição de acolhimento com amigos e familiares LGBT	Maior sensibilidade a pautas identitárias e apoio mais frequente a pautas feministas e LGBT e cotas raciais	Menor sensibilidade a pautas identitárias, reforçam a lógica da igualdade	Menor sensibilidade e apoio às pautas do movimento negro e às cotas raciais	Maior sensibilidade e apoio às pautas do movimento negro e às cotas raciais	Utilização da ideia de amor ao próximo para defender o respeito entre homens e mulheres e o acolhimento de LGBTs; uso de argumentos bíblicos para afirmar que a mulher deve obedecer o homem e que o comportamento de gays não é normal e deveria ser desencorajado	Maior sensibilidade a pautas identitárias e apoio mais frequente a pautas feministas/LGBT e cotas raciais	Rejeição completa de pautas identitárias, percepção negativa de mulheres independentes, feministas, gays e negros	Maior sensibilidade a pautas identitárias e apoio mais frequente a pautas feministas, LGBT e às cotas raciais



4.1

PENSAMENTO ABSTRATO VS. PENSAMENTO CONCRETO

O que nós identificamos como um pensamento mais conservador pode ser compreendido como uma forma de sociabilidade calcada no empirismo, naquilo que é concreto, palpável, em oposição a formas abstratas de pensamento e compreensão do mundo¹. Importa para os tidos como conservadores aquilo que é relacionado à sua comunidade de pertencimento, às suas raízes, seus costumes. O conservador seria, sobretudo, uma pessoa enraizada. Por conta de sua rejeição de formas abstratas de pensamento condensadas em teorias ou filosofias específicas, esse perfil mais conservador costuma apresentar seus argumentos de forma lamuriosa ao buscar conservar tradições em vista de sua substituição por algo que julga pior². A busca pela conservação de tradições por parte dos conservadores tem origem no entendimento de que estas não configurariam costumes arbitrários, mas uma condensação de conhecimentos advindos de um longo processo de aprendizagem que favoreceriam a reprodução da sociedade, daí o sentimento de responsabilidade pelas próximas gerações.

Tendo isso em vista, foi muito comum entre os entrevistados uma visão saudosista de um passado romantizado, em que haveria mais ordem, os valores morais seriam mais importantes e se viveria melhor. Na atualidade, a sensação é de desordem, decadência, imoralidade, caos e inversão de valores. As hierarquias sociais tradicionais que organizavam simbolicamente o mundo não são mais respeitadas atualmente, e a esquerda e os movimentos sociais são vistos como

¹ Ver em Mannheim, Karl. *Ideology and Utopia: An Introduction to the Sociology of Knowledge* (1954). (1968).

² Ver em Scruton, Roger. *Como ser um conservador*. Editora Record, 2015.

culpados pela desordem contemporânea. É importante ressaltar que a noção de que a “juventude está perdida” é algo que se repete ao longo da história. O que diferencia uma época de outra é o conteúdo dessa corrupção dos tempos atuais. A importância da **ordem social** é fundamental para entender esses grupos sociais, e, nesse sentido, há uma valorização de dois conjuntos simbólicos principais: 1) o “hierárquico”, baseado em valores como tradição, disciplina e autoridade; e 2) o “cristão”, que adota uma ética cristã como reguladora do mundo.

Em meio a um mundo acelerado e complexo, os entrevistados sentem-se desafiados e ameaçados pela rápida importância e protagonismo conquistado por grupos identitários no campo social e político, e o resgate de valores tradicionais traz uma sensação de conforto e estabilidade. Desse modo, as soluções para tudo aquilo que percebem como ameaças à ordem existente geralmente possuem relação com a necessidade de disciplina aliada ao cultivo de valores como o respeito pelo próximo.

A percepção de desordem e decadência também está muito relacionada à sensação de piora nos âmbitos da economia e da segurança pública nos últimos anos. Os sentimentos de abandono por parte do poder público, de inutilidade, descartabilidade, vulnerabilidade e insegurança são fundamentais para entender as subjetividades e as narrativas dos entrevistados, especialmente entre os entrevistados mais pobres. Tais sentimentos estão conectados à dicotomia realizada por vários entrevistados entre os batalhadores vs. os bandidos, lógica que é muito utilizada para a ordenação das relações sociais e sempre se remete a casos concretos do cotidiano. Os batalhadores são aqueles que se esforçam para alcançar seus objetivos e superar os muitos obstáculos do cotidiano, têm valores e pagam impostos; e os bandidos são pessoas corrompidas, que possuem mau caráter e buscam facilidades na vida. De modo análogo, faz-se uma diferenciação entre mulheres e LGBTs “do bem”, “honestas”, “batalhadoras” e aqueles/as que são “mal-intencionadas/os”: militantes agressivos, doutrinadores, afrontosos,



que querem se impor, que querem ter o controle da sociedade.

A desordem social vivenciada na sociedade civil também se estenderia às instituições formais: sistema político, imprensa e organizações escolares, as quais seriam apenas fontes de corrupção, manipulação e doutrinação. Desse modo, políticos antissistema e/ou percebidos como *outsiders*, informações provenientes da internet e discursos vinculados a textos sagrados passam a se tornar mediadores alternativos às instituições tradicionais que conferem maior concretude, sentido e inteligibilidade à realidade social e transmitem maior sensação de segurança, confiabilidade e veracidade.

4.2

PÚBLICO VS. PRIVADO

A sensação de degradação e desordem experimentada pelos entrevistados se remete principalmente ao espaço público: às ruas, às escolas, à mídia tradicional e, por vezes, até mesmo às redes sociais e aos demais espaços de interação da internet. O espaço público estaria se tornando cada vez mais perigoso, especialmente para crianças e jovens, o que está relacionado tanto ao aumento da violência e à sensação de insegurança como à percepção de que o espaço público teria se tornado palco de práticas imorais: troca de afeto entre pessoas do mesmo sexo; sexualização precoce; protestos de rua em que haveria nudez, pornografia, desrespeito de símbolos religiosos etc. Tendo isso em vista, existe um entendimento de que o afeto entre casais homossexuais, tido como obsceno, não deveria ser demonstrado em público, principalmente na frente de crianças; que a educação sexual dos filhos deveria ser realizada apenas pela família no âmbito privado, e não na escola; e, para aqueles mais conservadores, que agressões dentro da família não deveriam ser levadas a público, a não ser em casos extremos.

O voto em Jair Bolsonaro e a desconfiança acerca dos movimentos sociais ou pautas identitárias também possuem relação com as dinâmicas dos âmbitos público e privado. Bolsonaro, na visão dos entrevistados, promete recuperar os valores tradicionais, a segurança e a disciplina em todos os âmbitos do espaço público: nas ruas, na mídia, nas instituições políticas, nas escolas e universidade, a partir da promoção das ideias de ordem, autoridade e hierarquia. Para superar as desigualdades, preconceitos e violências, em vez de incentivar o paternalismo, o Estado deveria agir como garantidor de igualdades, formação e emprego e, no âmbito privado, as famílias deveriam proporcionar aos seus filhos uma educação baseada em valores cristãos para que pudessem vir a ser cidadãos respeitosos, esforçados e resilientes.

Parte do descontentamento com o espaço público também vem da sensação de que este teria sido “invadido” por grupos e indivíduos imorais, agressivos e desrespeitosos. A imprensa tradicional, especialmente a Rede Globo, é vista como parte desse processo ao pretender impor certos costumes e formas de se relacionar que seriam contrários aos valores cristãos, ao “só mostrar casais *gays* nas novelas”, por exemplo. Daí a preferência por obter informações em fontes alternativas na internet e nas redes sociais, nas quais haveria maior controle do usuário sobre os conteúdos acessados. No entanto, ao mesmo tempo, há uma preocupação com a possibilidade de crianças e jovens terem acesso livre a conteúdos inadequados, de modo que a internet seria uma faca de dois gumes.



4.3

LÓGICA DA IGUALDADE VS. LÓGICA DA DIFERENÇA

Existem duas lógicas discursivas que orientam historicamente as demandas da esquerda e da direita: a lógica da igualdade e a lógica da diferença, respectivamente. A partir dos anos 1960 e 1970, o campo da esquerda passou a adotar cada vez mais a lógica da diferença para defender certos grupos e pautas que passaram a ser classificados como “identitários”. No entanto, levada às últimas consequências, a lógica da diferença traz problemas difíceis de serem equacionados dentro do campo progressista, já que a diferença pode levar a segmentações cada vez maiores da população e sempre pressupõe alguma forma de hierarquia e, portanto, de valorização ou desvalorização, que é justamente como o pensamento conservador costuma operar: homens são melhores que mulheres; heterossexuais são melhores que homossexuais; brancos, melhores que negros; nativos são melhores que imigrantes; magros, melhores que gordos; jovens, melhores que idosos etc.

Porém, diferentemente dos resultados obtidos pelo sociólogo Antônio Flávio Pierucci, com base em investigação conduzida em São Paulo nos anos 1990³, em que os conservadores operavam a partir da lógica da diferença para justificar preconceitos contra nordestinos, pobres, negros e imigrantes, em nossa pesquisa se verificou que **a maioria das pessoas adota a lógica da igualdade em seus discursos**. A adoção de tal lógica, no entanto, é realizada tanto como forma de igualar as pessoas, em um sentido adotado tradicionalmente pelo campo progressista, quanto para chamar a atenção para uma perda de privilégios, especialmente

³ Ver em de Pierucci, Antônio Flávio. *Ciladas da diferença*. Editora 34, 1999.

por parte dos homens brancos mais velhos, e para uma genuína sensação de desproteção e descartabilidade vivenciada por pessoas desempregadas e/ou pobres.

Para todos os entrevistados, sem exceção, a desigualdade estruturante da sociedade brasileira é a desigualdade social que se expressa em uma institucionalidade desigual e elitista. Os mais ricos são favorecidos pelo poder público e por um sistema de justiça que os protege diante dos mais pobres, que vivem em regiões onde o Estado não investe. O “cidadão de bem” estaria desprotegido pelo Estado e pela sociedade, mas o “bandido” seria protegido pela lógica dos direitos humanos: uma forte inversão de valores que protegeria os agressores e abandonaria as vítimas. Os homens, as pessoas brancas e os heterossexuais seriam diminuídos pela lógica identitária e do “politicamente correto” diante de grupos de negros, mulheres e LGBTs, que teriam passado a figurar como os principais alvos de políticas de reconhecimento simbólico e material por parte do Estado e da sociedade civil. Tendo isso em vista, o governo deveria atuar para diminuir a desigualdade social, melhorando a educação e os serviços básicos para todos, aumentando o emprego, os salários e a competitividade, o que, por si só, na percepção dos entrevistados, beneficiaria mulheres, negros e LGBTs.

A maioria dos entrevistados entende que os atuais programas de transferência de renda, especialmente o Programa Bolsa Família, não funcionariam a contento, pois não teriam controle nem fiscalização, opinião compartilhada, inclusive, por pessoas que são ou foram beneficiárias de tais programas. Porém, é importante notar que algumas afirmaram ter tentado se tornar beneficiárias do Bolsa Família e não conseguiram, e que existe um apelo entre as pessoas no sentido de que deveriam ser priorizadas políticas universais, como educação, serviços básicos etc., dado que políticas que priorizam um setor da sociedade em detrimento de outro seriam injustas. Da mesma forma, para lutar contra as diversas formas de

discriminação, as políticas públicas e ações específicas para grupos identitários foram rejeitadas porque são percebidas como “privilégios”. O poder público não deveria dar um caráter especial a esses grupos cujas pautas não são vistas como universais, e sim focar o combate à desigualdade e pobreza. Do contrário, as divisões entre as pessoas na sociedade brasileira aumentariam, provocando a desunião entre os brasileiros e desconstruindo as hierarquias tradicionais que ordenam o mundo.

Nesse sentido, é importante destacar que as pautas materiais não podem ser totalmente desvinculadas das pautas morais ou de questões emocionais. Por exemplo, o desemprego ou a precariedade no trabalho desencadeiam sentimentos de descartabilidade e humilhação. O “cidadão de bem” que trabalha, se esforça e paga seus impostos se sente abandonado pelo Estado, e essa sensação de injustiça permeou todas as falas, de modo análogo ao que foi constatado na pesquisa conduzida pela socióloga norte-americana Arlie Hochschild com apoiadores do *Tea Party* naquele país⁴. **Os entrevistados mais pobres narraram experiências de forte preconceito cotidiano contra eles, e esse ponto é fundamental para entender os sentimentos de raiva e a percepção de privilégio quando se trata de pautas identitárias e de pautas ligadas aos direitos humanos**, em que os cidadãos comuns se sentem menos importantes do que criminosos e bandidos, o que gera um sentimento de revolta e injustiça.

4 Ver em Hochschild, Arlie Russell. *Strangers in their own land: Anger and mourning on the American right*. The New Press, 2018.



4.4

ESTRUTURA VS. INDIVÍDUO

A desigualdade econômica é percebida como estrutural por todos os entrevistados, ao contrário das pautas identitárias, de modo que foi mais comum entre os entrevistados abordá-las sempre com base em casos concretos e de suas manifestações individuais. Porém, ainda que a questão da desigualdade social seja percebida como estrutural por todos, foram muito enfatizadas saídas individuais ou a partir da família, em detrimento de saídas coletivas. Isso ocorre principalmente por conta de uma descrença na política e na ação do Estado. Ambos são vistos como intrinsecamente corruptos, ineficazes e fisiológicos. Esse ceticismo, inclusive alimentado pelo sentimento de traição do PT devido à corrupção praticada por políticos do partido, também engloba o conceito do que é público de forma geral e as estratégias de organização coletiva.

A percepção da política e do Estado como ineficazes e situações prolongadas de desemprego e pobreza, aliadas a um discurso de empreendedorismo que vem sendo cada vez mais enfatizado e divulgado, especialmente entre gerações mais jovens, fazem com que opções como ter um negócio próprio apareçam como as únicas soluções viáveis para conseguir ascender socialmente. Outra questão também percebida por vezes como um desafio estrutural, mas que, por falta de confiança nas entidades responsáveis, acaba se tornando tarefa dos indivíduos e de suas famílias, é a educação, que englobaria também o ensino da cidadania e de princípios éticos. O ensino de tais princípios desde a infância poderia evitar, por exemplo, casos de intolerância e preconceito. Afinal, ainda que casos de racismo, machismo e LGBTfobia sejam percebidos como generalizados pelos entrevistados, estes seriam casos individuais, relacionados, em suas palavras, “ao psicológico”, “ao indivíduo”, “à pessoa”, e não a uma lógica estrutural e abstrata que regularia as relações em sociedade, o que dificulta a percepção de saídas estruturais para tais problemas.



4.5

LACRAÇÃO VS. VITIMISMO

Considerando as possibilidades de estabelecer diálogos entre pessoas diferentes, principalmente com grupos que defendem pautas ligadas às mulheres, negros e LGBTQs, existem dois modos de comunicação que dificultam a criação de pontes e empatia: a “lacração” e o “vitimismo”. A lacração aparece como uma forma arrogante e autoritária de comunicação que impossibilitaria o diálogo, pois uma pessoa se coloca acima da outra de antemão e encerra o diálogo bruscamente com uma fala de efeito. Já o vitimismo também impossibilitaria o diálogo, na medida em que uma pessoa se coloca de antemão como vítima por ser mulher, negra ou LGBTQ, ou seja, abaixo da outra. Para existir diálogo, é preciso buscar uma **posição de “igualdade comunicativa”: nem lacração nem vitimismo**. Os vídeos da Fundação Tide Setubal, por exemplo, foram destacados positivamente quando se afirmava que os protagonistas não se vitimizavam, mas simplesmente expunham sua situação, seus problemas sem querer se “impor” (lacração), mas foram vistos negativamente quando as pessoas afirmavam de início que eram homossexuais, permitindo uma interpretação do tipo “eu sou uma vítima pelo fato de ser *gay*”.



5 COMO UTILIZAR ESTE ESTUDO

Esta pesquisa qualitativa teve por objetivo gerar um entendimento desse público que está no espectro intermediário de conservadorismo no Brasil e produzir subsídios para a sociedade brasileira construir diálogos mais efetivos entre os pólos do debate público atual. Nossas entrevistas etnográficas permitiram entender profundamente motivações, medos e valores que impactam a formação de opiniões sobre as muitas desigualdades que afetam o país. Todos os entrevistados mostraram valorizar o papel do diálogo, o respeito às diferenças e mencionaram com tristeza os debates e brigas familiares ocorridas durante o último período eleitoral. Isto é, o principal aprendizado desta pesquisa é que todos valorizam o diálogo e há uma demanda de construir pontes a partir das premissas que compartilhamos.

Aprendemos, ao dialogar com esse público que representa em torno da metade da população brasileira, que há muitos pontos de concordância entre “os conservadores” e “os progressistas”. Essas concordâncias, muitas vezes, se perdem no uso de alguns termos e na dificuldade de compreensão de algumas bandeiras. O repúdio generalizado à violência – seja causada por bandidos, violência policial ou a grupos de mulheres e LGBTs –, o reconhecimento da falta de oportunidades iguais entre homens e mulheres, entre brancos e negros e mesmo entre heterossexuais e homossexuais são pautas compartilhadas entre todos os nossos entrevistados. Muitas vezes, as barreiras para o diálogo não estão no conteúdo das mensagens, mas na sua forma. Se há uma percepção de que soluções estatais são ineficientes e levam à corrupção (como Bolsa Família ou cotas), isso não significa que os brasileiros não reconheçam as desigualdades e injustiças que enxergam em seu dia a dia.

Esta pesquisa tem como finalidade auxiliar agentes públicos, membros do



terceiro setor e governos a melhorar o diálogo com essa camada da população que não se vê incluída nos seus discursos e que teme ser deixada para trás quando uma política pública direcionada é implementada. Em que medida nossos esforços de comunicação podem ser mais efetivos ao abraçar as premissas comuns entre todos os brasileiros: de que existem desigualdades e é necessário combatê-las?

Levando em consideração os aprendizados do estudo, algumas escolhas de comunicação podem ser realizadas. A comunicação com um público fora dos círculos da militância de movimentos políticos e/ou identitários parece sofrer entraves quanto às oposições tratadas nesta conclusão: concreto vs. abstrato, estrutural vs. individual, igualdade vs. diferença etc. Como podemos trazer a lógica da igualdade, com base nas experiências concretas da população, para defender políticas públicas de combate às desigualdades estruturais? Como considerar as dificuldades estruturais impostas pela estratificação social, racial e de gênero no Brasil, sem deixar de lembrar dos esforços individuais na tão valorizada imagem do batalhador? Mais do que nunca, o Brasil precisa de diálogo. Entender como brasileiros e brasileiras pensam é o primeiro passo para superar impasses e atritos entre polos que se imaginam tão distantes.

F981C

Fundação Tide Setubal

O Conservadorismo e as questões Sociais [recurso eletrônico]

Fundação Tide Setubal [Desenvolvimento da pesquisa e elaboração do relatório: Plano CDE; Coordenação de Campo: Isadora Castanhedi].

São Paulo, SP: Fundação Tide Setubal, 2019. Recurso digital : il.

FORMATO

PDF (Portable Document Format)

MODO DE ACESSO

<https://conteudo.fundacaotidesetubal.org.br/downloadconservadorismo>

1. Ciência Política.
2. Direita e Esquerda (Ciência política).
3. Conservadorismo.
4. Pesquisa Qualitativa.
5. Brasil – Política e sociedade.
6. Livros Eletrônicos.
 - I. Fundação Tide Setubal.
 - II. Plano CDE.
 - III. Título.

CDD: 320.52

CDU: 32(81)

COMO CITAR ESTE TRABALHO

FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL. O conservadorismo e as questões sociais [recurso eletrônico]. São Paulo, 2019. Disponível em: < <https://conteudo.fundacaotidesetubal.org.br/downloadconservadorismo> >. Acesso em: Data de acesso com mês abreviado.



6 EQUIPE

TRABALHO DE CAMPO:

Camila Rocha
Esther Solano
Gustavo Rodrigues
Priscila Vieira
Sara Azevedo

COORDENAÇÃO DE CAMPO:

Isadora Castanhedi

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO:

Plano CDE:

Breno Barlach
Maurício de Almeida Prado
Isadora Castanhedi

CONSULTORIA TÉCNICA:

Camila Rocha
Esther Solano

EQUIPE FUNDAÇÃO TIDE SETUBAL:

Cecília França
Daniel Cerqueira
Fabio Tsunoda
Fernanda Nobre
Katia Ramalho
Márcio Black
Mariana Rufino

O CONSERVADORISMO E AS
QUESTÕES SOCIAIS